C.P.
BOLETIM

BOLETIM DA C. P.

PUBLICAÇÃO MENSAL
DA DIRECÇÃO GERAL DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
DESTINADA EXCLUSIVAMENTE AO PESSOAL

Problemas recreativos

CAMPEÕES DE DECIFRAÇÕES EM 1936

J. J. de Brito Abrantes
«Britabrantes»

Manuel das Neves Amorim
«Mefistófeles»

Deolindo Duarte Soares
«Cagliostro»

CAMPEÃO DE PRODUÇÕES EM 1936

Álvaro Paz
«Sardanápalo»

Conforme estabelece o Regulamento desta Secção, publicamos seguidamente o quadro geral de decifradores e o quadro geral de distinção referentes ao ano de 1936, assim como os retratos dos campeões de decifrações e de produções.

O *Boletim da C. P.* felicita **Britabrantes, Mefistófeles, Cagliostro** e **Sardanápalo** pela distinção que alcançaram.

Ano de 1936

Número de produções charadísticas.... 267
» » problemas..... 4

Quadro geral de decifradores

Britabrantes, Mefistófeles e **Cagliostro** (267,3), *Labina* e *Alenitnes* (259,4), *Otrebia* e *Fred-Rico* (239,3), *Marquês de Carinhos*, *Visconde de la Morlière* e *Visconde de Camboth* (238,3), *Roldão* (224,2), *Veste-se* (214,3), *Sardanápalo* (213,2), *Novata* (205,1), *Diabo Vermelho*, *Preste João* e *Manelik* (203,1), *Cruz Kanhoto* (189,1), *Augusto* (181,1), *Theseu* (169,0), *Bastos* (163,1), *Dalton* (163,0), *Fé* (162,1), *Athos* (160,1), *Alcion* (144,1), *Sancho Pança* (129,0), *D. Quixote* (128,0), *Fan-Fan* 127,0), *Nazi* e *Tupin* (111,0), *Lumar* (110,0), *Timpanas*, *Gabi*, *Semáforo*, *Pequenote*, *D. Juan*, *Teiró*, *Gili*, *Valete*, *Sota*, *Jéce* e *Mago* (77,0), *Costasilva* (67,0), *Júpiter* (57,0), *Oxjela* (19,0), *Vasconcelos* (17,0), e *Martins* (16,0).

Quadro geral de distinção

Sardanápalo (86 votos), *Theseu* (22,0), *Cagliostro* e *Pinto* (16,0), *Visconde de Camboth* e *Roldão* (15,0), *Mefistófeles* (14,0) e *Zé Sabino* (8).

QUADRO DE DISTINÇÃO

Theseu, 10 votos — Produção n.º 8

QUADRO DE HONRA

Britabrantes, Cagliostro Mefistófeles, Paladino, Marcial, Alerta, D. Quixote, Athos, Theseu, Sancho Pança, Júnior, Fan-Fan, Fé, Augusto, Bastos, Sardanápalo, Teiró, Mago, Valete, D. Juan, Gabi, Lumar, Timpanas, Pequenote, Nazi, Jéce, Gili, Sota, Semáforo e Tupin.

QUADRO DE MÉRITO

P. Bégo, (25); *Roldão, Veste-se, Novata, Fred-Rico, Otrebia, Cruz Kanhoto, Costasilva* e *O Profeta* (24); *Marquês de Carinhos, Visconde de la Morlière, Visconde de Camboth, Diabo Vermelho, Preste João, Manelik* (23) e *Sempre Viva* (22).

Soluções do n.º 91

1 — Lata-latão, **2** — Coda-Codão, **3** — Prega-pregão, **4** — Perda-perdão, **5** — Paladinamente, **6** — Meda, **7** — Ouzenário, **8** — Doar, **9** — M, môa, meaco, acó, o, **10** — Pobreza não é vileza, **11** — Látego, **12** — Dinheiro ou haveres, **13** — Francisca, **14** — Necedade, **15** — Nazir, **16** — Alfaia, **17** — Titela, **18** — Abalo-abala, **19** — Divo-diva, **20** — Abençoado-abençoada, **21** — Atomo-amo, **22** — Nominas-nonas, **23** — Arimo-amo, **24** — Tacanho-tanho, **25** — Tormenta-torta, **26** — Minalho-milho.

Aumentativas

1 — A *ave columbina* gosta de *farinha de aveia* — 2.

Roldão

2 — Avistei um *peixe de Portugal* d' *o ponto mais alto de um fraquedo* — 2.

Cagliostro

3 — Muita *sorte* teve o *copeiro* — 3.

D. Quixote

(Continua na outra página interior da capa.)

9.º Ano — N.º 93 Março de 1937

BOLETIM DA C.P.

ÓRGÃO DA INSTRUÇÃO PROFISSIONAL DO PESSOAL DA COMPANHIA

PROPRIEDADE
DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

DIRECTOR:
O DIRECTOR GERAL DA COMPANHIA
Engenheiro *Alvaro de Lima Henriques*

ADMINISTRAÇÃO
LARGO DOS CAMINHOS DE FERRO — Estação de Santa Apolónia

Editor: Comercialista *Carlos Simões de Albuquerque*

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Companhia

SUMÁRIO: Serviços de aprovisionamento de travessas e de madeiras de construção. Suas instalações em Entroncamento. — Conferências de higiene social. — Notas de Arte. — Concurso de fotografias para ilustração do *Boletim da C. P.* — Consultas e Documentos. — A aceleração dos serviços de passageiros na rêde da Companhia dos Caminhos de Ferro Alemães. — Concurso de desenhos e fotografias. — Pessoal.

Serviços de aprovisionamento de travessas e de madeiras de construção. Suas instalações em Entroncamento

Pelo Snr. Eng.º *Francisco Ramos Coelho*, Chefe de Divisão, adjunto à Direcção Geral

(Conclusão)

Dada, assim, uma ideia de como, com manifesta economia, se consegue o funcionamento da oficina com combustível por ela própria produzido e cuja remoção constituiria embaraço e encargo, passaremos a referirmo-nos a uma outra interessante instalação auxiliar, que tem dado os melhores resultados — a estufa para secagem da madeira — e com a qual se tem reduzido ao mínimo os inconvenientes resultantes do fornecimento de madeiras ainda não suficientemente secas aos vários serviços, e as conseqüentes queixas e reclamações dêstes pelos inconvenientes e prejuízos que o emprêgo de tais madeiras causa às obras.

A estufa de secagem é uma edificação medindo, em planta, $8^m,68 \times 7^m,86$, de paredes duplas de tijolo, e em dois pisos, sendo o térreo aquele que constitui pròpriamente a câmara de secagem onde a madeira, regularmente empilhada e separadas tôdas as peças umas das outras, é submetida à acção do ar posto em movimento pelas respectivas máquinas accionadas elèctricamente e instaladas no pavimento superior, e à do vapor de água gerado numa caldeira existente num pequeno anexo adjacente ao edifício e medindo $6^m,0 \times 2^m,75$.

A montagem desta estufa obedeceu a todos os requisitos necessários em construções desta natureza e, assim, a parte de construção civil foi muito cuidada para se evitar perdas de calor pelo que — como dissémos — as paredes são duplas, o mesmo acontecendo aos tectos em cimento armado. O sistema de vedação das portas metálicas das câmaras é o que há de

mais perfeito, podendo dizer-se que a C. P. possui talvez a mais moderna e mais bem montada estufa que existe no país.

A operação de secagem exige, para dar bons resultados, ser executada com um certo número de cuidados. Assim, quando se trata de madeira verde, recentemente cortada, contendo ainda seiva, é indispensável submetêl-a primeiramente ao tratamento pelo vapôr, que expulsa a seiva, afim de evitar que a madeira fenda depois, mas êsse tratamento não deve exceder certos limites, aliás ela perde grande parte da sua elasticidade e da sua suavidade. Também, um tal tratamento deve ser feito sem movimento do ar quando se tratar de madeira dura, ao contrário do que sucede quando ela fôr branda, podendo então o exaustor actuar simultâneamente aproveitando o ar de circulação.

Serra alternativa

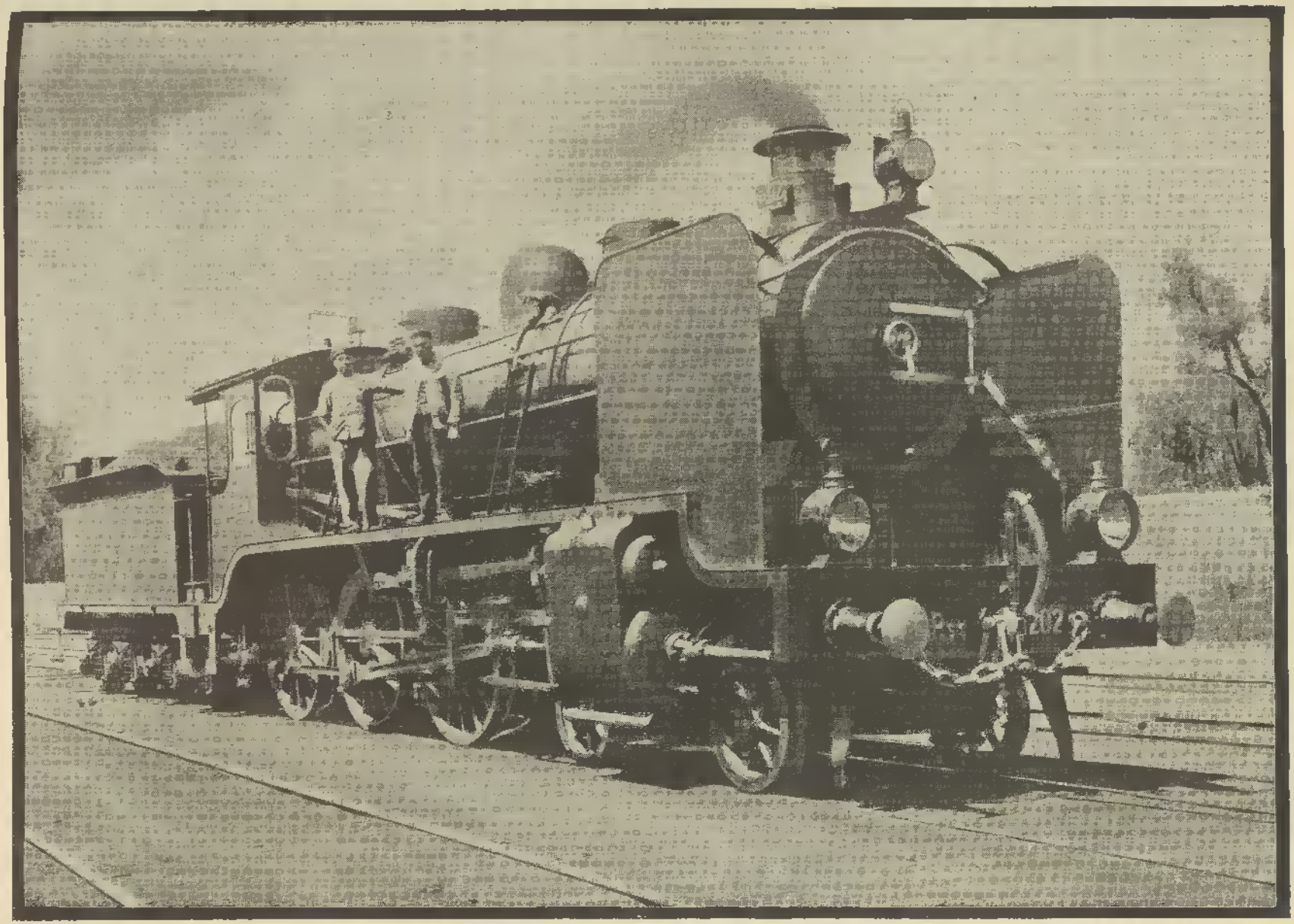
Uma vez terminado o tratamento pelo vapôr, procede-se propriamente à secagem pela circulação do ar lançado na camara pelos exaustores, convindo porêm, em todos os casos e para aumentar o rendimento da operação, que, antes de começar a secagem, a madeira seja aquecida a uma temperatura variável com diversas ci cunstâncias, mas que, em média, se póde fix entre 65° e 85°.

A madeira aparelhada, isenta assim já d inconvenientes que tanto a prejudicariam se s conservasse verde ou, pelo menos, seca e gráu insuf ciente, é tran portada da e tufa para os v gões a-fim-d ser conduzid aos locais par onde foi requ sitada.

Um arma zém, situad a pequen distância d central elé trica, medind $31,^m5 \times 12^m$, construido d madeira e po forma a nêl circular fácil mente o ar serve para de pósito de ma deira já fabri cada, a qual al aguarda a su utilização no trabalhos executar.

Como anex à central elec trica, exist ainda um tan que de refri geração d água, o qua vai representado numa das estampas.

Finalmente, e para completar estas breve referências ás instalações dos serviços de apro visionamento de madeiras existentes em En troncamento, resta-nos apenas dizer que um pequeno edificio, de $12^m \times 7^m$, serve, em parte para escritório e, em parte, para depósito de



A locomotiva 1202 S. S.

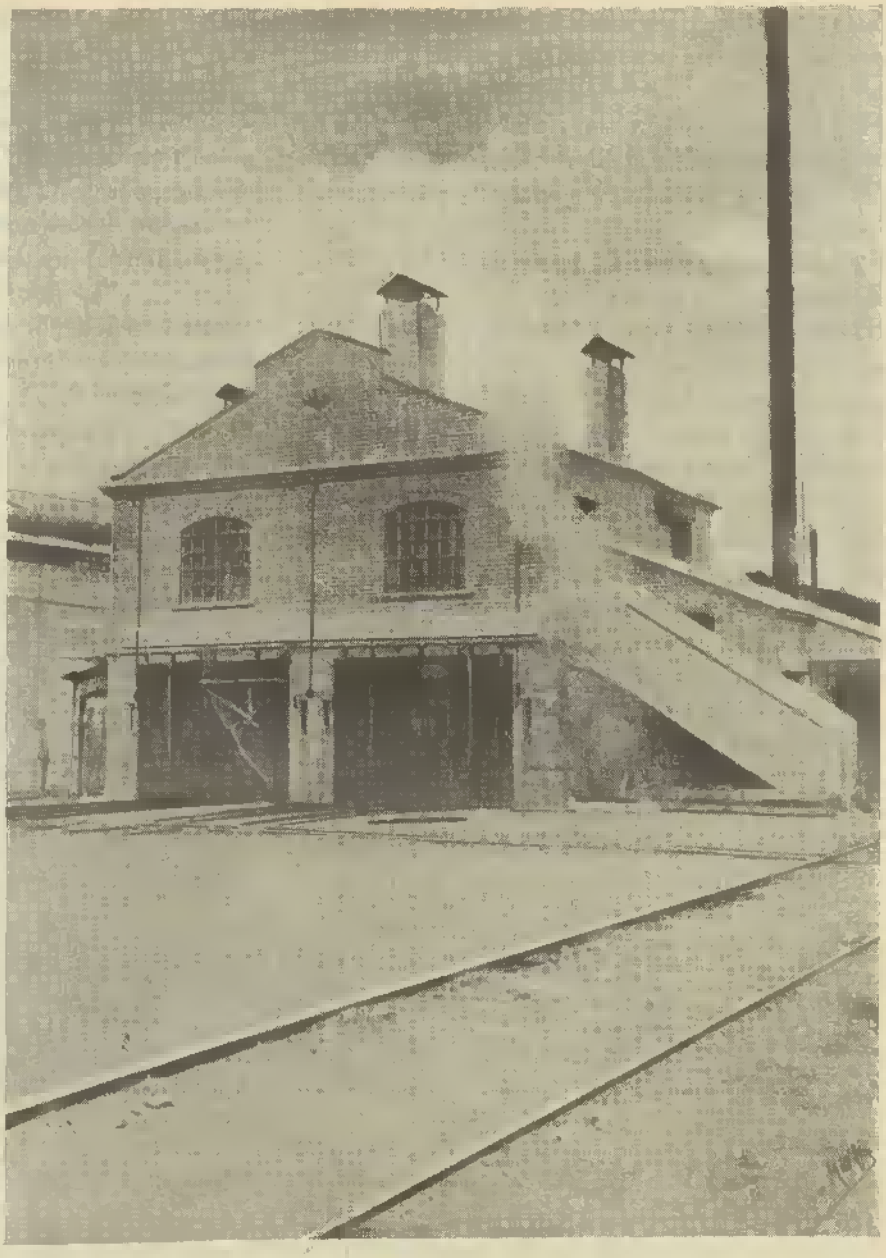
Fotog. de L. Schepens

materiais de consumo, e um outro, com $5^m \times 4^m$, é destinado a W. C.

O restante e vasto espaço não ocupado pelas edificações, é utilizado, conforme as circunstâncias e a maior ou menor existência o exigem, para depósito ou parque de madeiras em bruto, isto é, na sua quási totalidade, para depósito de toros de madeira, sobretudo de pinho, resultantes do corte de arvoredo.

*
* *

Tendo, até aqui, tratado das instalações de que dispõem os serviços de aprovisionamento de madeiras, cabe agora dizer algumas palavras sôbre o seu funcionamento, de importância que é desnecessário encarecer e cuja principal função é o fornecimento de travessas, dado ser esse material indispensável à construção de novas linhas e à boa conservação das existentes.



A estufa de secagem

Nos 12 anos decorridos de 1910 a 1922, a média anual da aquisição de travessas foi de 119.064 com o máximo de 153.767 em 1921, e o mínimo de 84.794 em 1919, números êstes muito inferiores àqueles que seria necessário atingir para bem assegurar as necessidades do serviço da via. Dá isto ideia das dificuldades com que, então, se lutava, devidas não só à forma especial que afecta o fornecimento de travessas — grande número de fornecedores, muitos deles pequenos fornecedores, e sua grande disseminação — como também ao regime em que as respectivas compras eram efectuadas, e que não diferia do usado, de um modo geral, para todos os outros materiais.

A partir, porém, de Fevereiro de 1923, passaram os serviços de que nos estamos ocupando a um regime de relativa autonomia que — não só pela isenção das formalidades a que as Divisões tinham e têm de satisfazer, como, também, pela maior rapidez dos respectivos pagamentos, especialmente na parte dizendo res-

peito à compra de travessas — lhes permitia maiores facilidades nas suas aquisições, tornando-lhes possível, nestes novos moldes, vencer as dificuldades com que se vinha lutando quanto às ditas travessas e melhorar consideràvelmente as condições do fornecimento de madeiras de construção.

Esse sistema, que deu os melhores resultados, consistiu no seguinte:

— estabelecer a C. P. os preços das travessas em vez de se sujeitar aos preços pedidos pelos fornecedores;

— aceitar dêstes — grandes ou pequenos fornecedores, mas na sua maioria pequenos — qualquer quantidade de travessas, em harmonia com um caderno de encargos de que, a seu pedido, lhes era dado conhecimento;

— responder, imediata e diàriamente, às cartas recebidas, aceitando-se ou não desde logo as propostas nelas contidas;

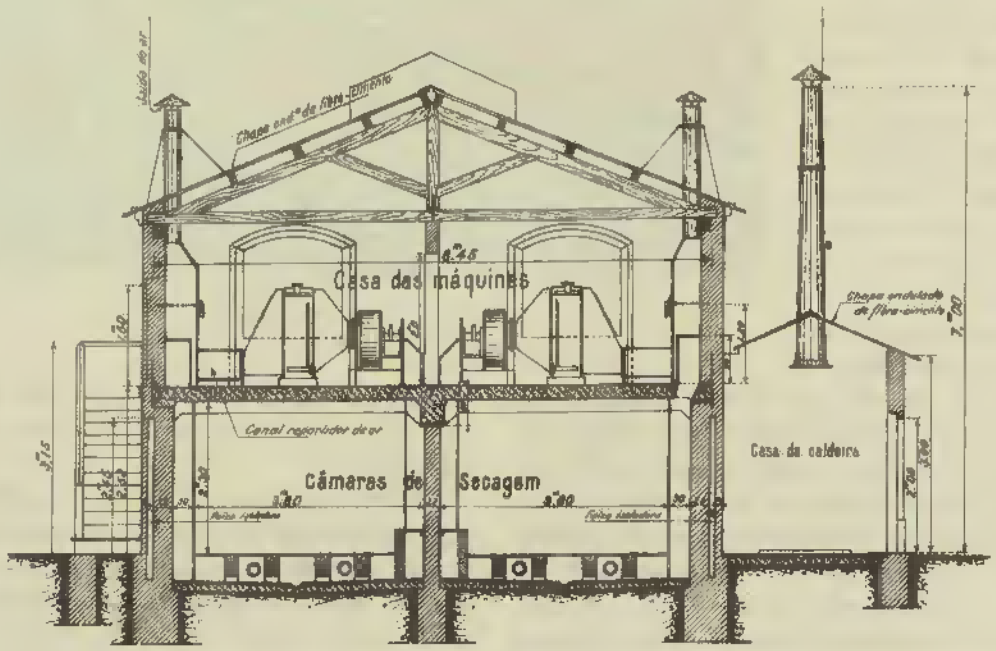
— organizar ràpidamente os processos de pagamento e realizar êste dentro de muito reduzido prazo.

Esta forma de proceder, à medida que se ia tornando conhecida, foi atraíndo os fornecedores, e, assim, se conseguiu, ao fim de algum tempo, obter travessas em número avultado e a preços vantajosos.

Dissemos que uma das medidas tomadas foi serem os preços estabelecidos pela C. P. e não pelos fornecedores. Com efeito, nas proximidades da época de início de cada fornecimento anual — e tendo em atenção as condições do mercado de madeiras, as quantidades de travessas a adquirir, e as informações do seu pessoal florestal e recebedor que mais em contacto está com os fornecedores e melhor conhece o assunto — passou a C. P. a fixar os preços, para travessas postas pelos fornecedores sôbre vagões nas estações das várias linhas, durante esse fornecimento anual.

Esses preços não eram, nem o são hoje, uniformes para todas as linhas, pois se entendeu dever-se ter em atenção as condições dos transportes, diferentes quer de umas para outras das regiões de onde as travessas provêm, quer conforme as linhas férreas utilizadas até Entroncamento.

Um grupo de recebedores — agentes escolhidos e especializados nêste serviço — fiscaliza os fornecimentos, não só sob o ponto de vista das dimensões das travessas, como também

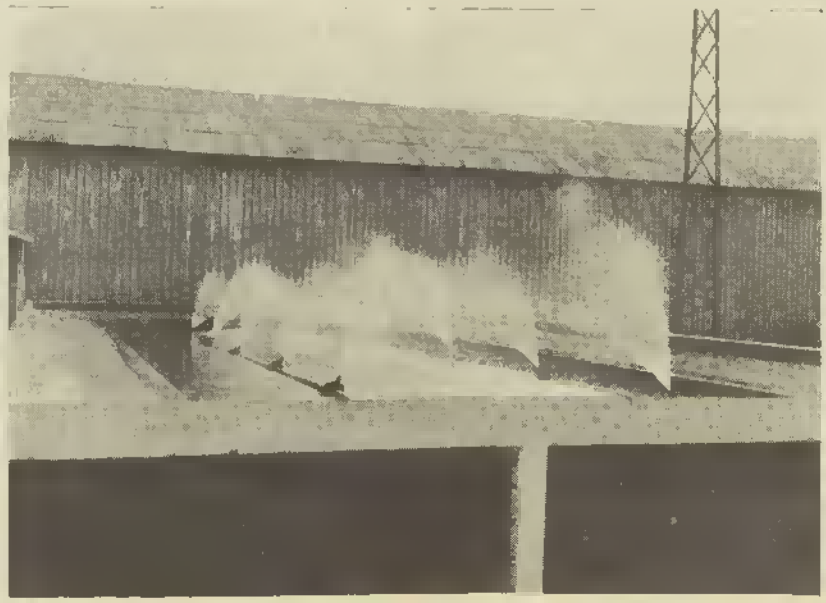


A estufa de secagem
(corte)

sob o da sua qualidade e da época do seu corte.

Emquanto às dimensões, devem as travessas medir 2m,60 de comprimento, 0m,26 de largura e 0m,13 de altura, tanto as rectas (ou de secção rectangular) como as normais (ou de secção semi-circular), admitindo-se nas primeiras uma tolerância, na face superior, de 0m,04 de cada lado. Além disto, devem elas ser direitas, cortadas em esquadria nos topos, ter plana a face de assentamento, não apresentarem curvatura para os dois lados nem flecha vertical, podendo, porém, tolerar-se curvatura só para um dos lados mas com flecha não superior a 0,m01.

Quanto à qualidade, exige-se que sejam de bôa madeira, completamente limpas de casca e entre-casca, sendo regeitadas as que se apresentem carunchosas, pôdres, ardidas, rachadas, com nós viciosos ou com defeitos que lhes deminuam a resistência.



Tanque de refrigeração

A tôdas estas circunstâncias, e ainda também à época do corte, têm de atender os recebedores, que procedem ao exame e à contagem das travessas nas estações à medida que elas vão sendo carregadas nos vagões pelos fornecedores, e que, num dos topos, marcam a frio com uma letra convencionada as aceites, e na face plana, com uma outra letra e dois golpes de machado, as regeitadas.

A' chegada a Entroncamento, são as travessas novamente contadas e entregues então ao Depósito de Materiais da Divisão de Via e Obras, onde se conservam por algum tempo a-fim-de, tanto quanto possível, secarem e ficarem em condições de bem receberem o creosote na oficina de creosotagem que aquela Divisão ali possue, e de onde saem depois para novo depósito ou para serem destribuídas pelos vários locais em que têm de ser empregadas, ou pelas estações.

Foi, ha pouco, feita referência à época do corte como sendo um dos pontos que não deve ser perdido de vista. Com efeito, ela é de grande importância, o que bem justifica que lhe dediquemos algumas linhas.

A época, ou o periodo mais favorável, para se fazer o corte das árvores é variável de região para região, e, até mesmo, de ano para ano dentro da mesma região, em virtude da diversidade e da variabilidade das condições climatéricas. Não sendo, porém, praticável atender a tôdas as circunstâncias que influem na melhor época para o corte, ha que estabelecer um período determinado, variável entre certos limites, fora do qual não deve ser permitido o corte, isto é, um período suficientemente afastado daquele em que, nas árvores, é mais activa a circulação da seiva, o que tem uma enorme influência na conservação da madeira resultante do corte.

São 15 de Agosto de um ano e 31 de Janeiro do ano seguinte, as datas limites do período de corte que a C. P. consigna nos seus contratos de compra de travessas e de outras madeiras de pinho.

Como acima dissemos, a circunstância de

as madeiras serem *do corte* — quere dizer, de serem cortadas dentro da época própria — é da maior importância para a sua conservação, o que bem se manifesta nas travessas de pinho que, quando são *do corte*, chegam a durar cêrca de 16 anos, ao passo que, no caso contrário, têm muito menor duração, podendo, em casos mais desfavoráveis, chegar esta apenas a um ano.

*
* *

Que, com a organização posta em vigor em 1923, se atingiu o objectivo em vista, prova-o o gráfico junto, o qual patenteia bem a marcha que, nos 25 anos decorridos desde 1910 até 1935, seguiu a aquisição de travessas, marcha essa em que, de um modo geral, se manifestou notável desenvolvimento a partir de 1923.

Referindo os números não a anos mas a cortes — isto é, aos periodos em que êstes são admitidos — e não às quantidades adquiridas mas às quantidades fornecidas ao Depósito de Materiais da Via e Obras, temos, a partir do corte de 1922/23:

Corte de 1922/23.....	270.402	travessas
» » 1923/24.....	217.490	»
» » 1924/25.....	227.354	»
» » 1925/26.....	275.406	»
» » 1926/27.....	449.699	»
» » 1927/28.....	575.105	»
» » 1928/29.....	505.443	»
» » 1929/30.....	357.556	»
» » 1930/31.....	702.402	»
» » 1931/32.....	217.542	»
» » 1932/33.....	328.000	»
» » 1933/34.....	795.943	»
» » 1934/35.....	539.760	»

números estes que dão bem ideia da importância dos serviços de que estamos tratando.

Fizemos atrás referência à forma pela qual se tem procedido para com os fornecedores a-fim-de se procurar animar a apresentação de propostas por parte dos mesmos, e aos bons resultados obtidos. Não obstante isso, tem-se, por várias vezes, entendido ser conveniente proceder-se à aquisição directa de madeira em pé nos pinhais, quer do Estado quer de particulares, montando-se devidamente o serviço de exploração dos mesmos pinhais, isto é, do corte, do descasque, e da transformação dos toros obtidos em travessas e em madeiras de construção, operação esta última realizada, em geral, nos próprios pinhais com a vantagem de evitar transportes inúteis.

Assim, nos quatro cortes desde 1931/32 a

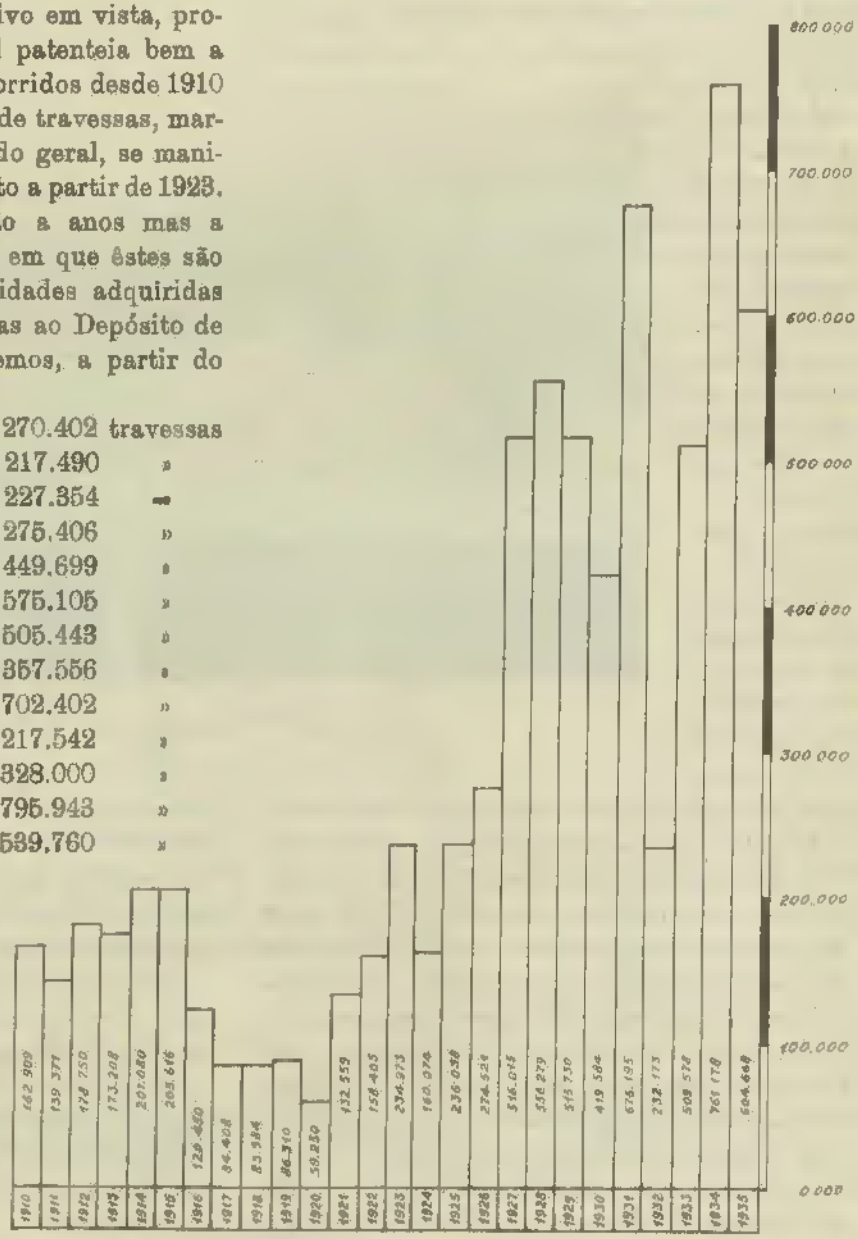


Gráfico de aquisição de travessas desde 1910 a 1935

Madeiras depositadas no parque de Entroncamento

1934/35, fabricaram-se nos pinhais 172.866 travessas, tendo num dos ditos cortes, o de 1932/33, sido necessário recorrer também ao fabrico de travessas na oficina de serração em Entroncamento, de onde saíram 55.506.

Para os fins a que acabamos de nos referir, bem como para satisfazer as necessidades da oficina de serração — em que avulta o fabrico de travessas especiais para pontes e cruzamentos — foram, nos 5 cortes de 1930/31 a 1934/35, adquiridos cêrca de 70.000 m³ de madeira sem casca, apurados por medições feitas, segundo os casos, nos pinhais, nas estações, ou depois da chegada a Entroncamento.

A existência de madeiras no parque de Entroncamento compõe-se principalmente de toragem de pinho, mas nela figuram também, ainda que em quantidades muito menores, madeiras de outras espécies, como: carvalho, castanho, cedro, eucalipto, freixo, lamigueiro, ulmo, madeira do Brazil, etc., madeiras estas que têm muito pequeno consumo, a não ser a de freixo com a qual são fabricadas as *cunhas Barberot*.

Destas, foi, de 1932 a 1935, fabricado na oficina de serração um total de 353.211.

Por fim, e para dar uma mais perfeita ideia do movimento desta oficina, diremos que — nos anos de 1931, 1932, 1933, 1934 e 1935 — foram fabricadas madeiras de construção cubicando um total de 28.615 m³, madeiras estas que se apresentam em condições difíceis de serem encontradas no mercado, por isso que são tôdas em quina viva, secas, provenientes de pinheiros velhos (de, pelo menos, 40 centímetros de diametro à altura do peito, portanto já feitos e com cerne em abundância) e cortados na época própria, circunstâncias estas que muito valorizam a madeira.

Anexa ao parque e à oficina de serração, ainda que em local um tanto afastado, tem fun-

cionado uma pequena oficina de carpintaria e marcenaria, para a qual não se chegou a fazer, dentro do parque, a instalação ao princípio projectada. Na referida oficina são, sôbretudo, executados trabalhos de reparação de mobiliário pertencente a vários Serviços, mas também já tem sido fabricado mobiliário novo. Só funciona quando ha trabalhos a executar e, para êstes, tem, com grande vantagem, sido adoptado sempre o regime de tarefas dadas ao pessoal.

*
* *

Temos, até aqui e pelo que diz respeito a travessas, feito ùnicamente referência às de pinho, pois são estas que constituem a grande maioria das travessas empregadas. Também o têm sido, porém — ainda que em quantidade relativamente mínima — as de carvalho e, ùltimamente, em quantidade mais apreciável, as de eucalipto. Destas, foram adquiridas cêrca de 35.000 no corte de 1932/33, e 107.000 nos de 1933/34 e 1934/35.

Têm as travessas de eucalipto a vantagem de, por dispensarem a creosotagem, saírem sensivelmente mais baratas do que as de pinho a-pesar-de o seu custo inicial ser superior. Com efeito, não só desaparece a despesa com o creosote e com a operação da creosotagem, como também — por não haver, assim, necessidade de as transportar provisòriamente a Entroncamento — podem ser logo aplicadas perto das estações de entrega ou conduzidas imediatamente para o local em que devem ser empregadas.

Exigem, porém, maiores cuidados no corte da toragem de que hão de ser fabricados e no seu armazenamento depois de feitas.

Assim, para que as travessas de eucalipto deem resultados satisfatórios, é necessário:

a) — serem provenientes de árvores com mais de 40 anos de idade;

b) — serem os eucaliptos anelados — isto é, ser-lhes cortado um anel da sua casca — conservando-se assim durante 30 a 40 dias antes do corte;

c) — fazer-se êste exclusivamente durante a época mais favorável, isto é, em que é menos activa a circulação da seiva;

d) — conservarem-se os eucaliptos, em seguida ao corte, no chão, com tôda a rama e durante um prazo o maior possível, mas nunca inferior a 30 dias;

e) — só começar a torar e a fabricar as travessas findo êste prazo;

f) — fazer o emprêgo das travessas ràpidamente, e, tendo elas que estar em depósito por algum tempo, conservá-las o mais possível protegidas principalmente da acção do sol e das alternativas de secura e humidade.

A recepção das travessas de eucalipto é mais dispendiosa do que a das de pinho que só se faz nas estações de entrega, ao passo que, para aquelas, a acção dos recebedores tem de ser exercida mesmo antes das travessas fabricadas, pois tem de o ser igualmente sôbre as árvores de onde elas hão de provir.

A-pesar-de isto, e desde que — como se espera — se verifique, por uma mais longa experiência, uma maior duração, deve, do seu emprêgo, resultar economia sensível.

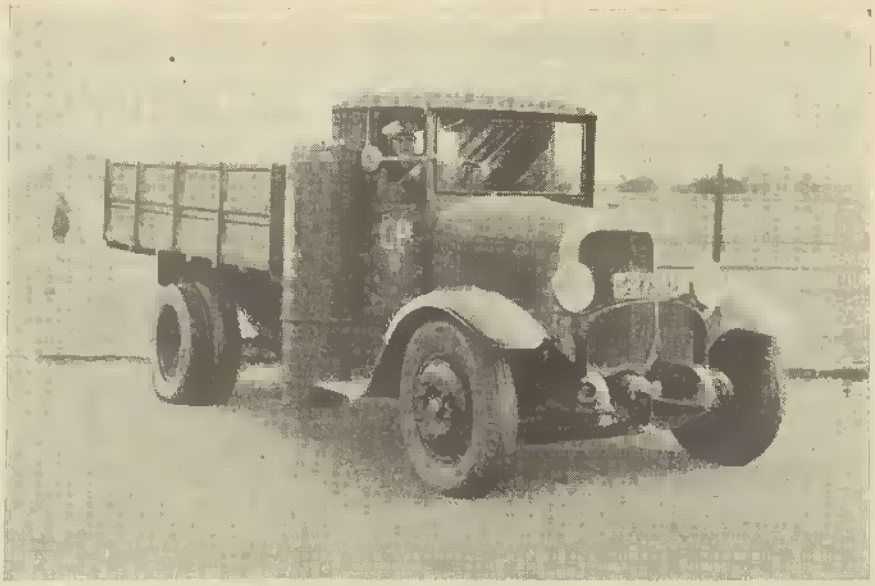
Êsse emprêgo não tem, de princípio, sido isento de umas certas dificuldades por parte do pessoal que tem de lidar com as travessas em conseqüência de, pelo seu maior pêso, serem mais difíceis de manobrar, e, pela sua maior dureza, mais difíceis de furar.

A pouco e pouco êsse pessoal vai, porém, habituando-se, e é de prever que se desenvolva o uso das travessas de eucalipto, o que, além das outras razões já apontadas, é ainda justificado pela rarefacção que se vai produzindo nos pinhais situados nas zonas mais próximas das linhas férreas, de onde resultará o mais elevado custo das travessas de pinho em conseqüência das maiores distâncias a que elas terão de ser transportadas.

*
* *

Por fim, e para completar esta breve notícia do que são, na C. P., os serviços de fornecimento de madeiras e, em especial, de travessas — os quais, é de justiça acentuá-lo, muito

devem ao interêsse de que fôram objecto por parte do falecido engenheiro António Carlos Coelho de Vasconcelos Pôrto, antigo e prestigioso sub-director da Companhia e ùltimamente seu engenheiro-consultor — não devemos deixar de fazer referência à questão dos transportes, tanto da toragem como das ditas travessas quando fabricadas estas nos pinhais, como em vários córtes tem sucedido.



Um caminhão a gasogénio para transporte de madeiras

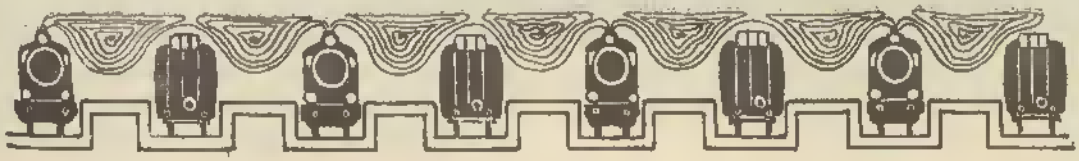
Nêste particular, surgem, às vezes, dificuldades que não só embaraçam o serviço, como também vão afectar sensivelmente o preço de custo. Estão nêste caso as exigências por vezes feitas pelos carreiros. Para nos libertarmos de tais contrariedades, adoptou-se a medida de dispor de meios próprios de transporte e, para isso, recorreu-se ao emprêgo de um tipo de camião-automóvel que mais vantagens oferecesse em vista da exploração a que era destinado.

Assim, foi dada preferência ao tipo de camião a gasogénio, alimentado a carvão — de azinho, sôbro, eucalipto ou pinho — adquirido já fabricado, ou produzido de conta própria e com o auxílio de um fôrno portátil, nos locais em que o camião tem de fazer serviço. Adquiriu-se um dêstes veículos em 1928, para carga de 4T,5, de 20 cavalos de potência, marca «Panhard-Levassor», o qual tem trabalhado em tão boas condições que, com a economia a que o seu emprêgo deu lugar, ficou amortizado o seu custo em cêrca de três anos e meio.

Em conseqüência dêste animador resultado, fez-se, alguns anos depois, em 1933, aquisição de um outro camião, do mesmo tipo e para a mesma carga, de 15 cavalos de potência, o qual tem igualmente trabalhado por forma a satisfazer completamente.

Assim, dispõem hoje os serviços de aprovisionamento de madeiras de dois camiões a gasogénio, cujo funcionamento não só assegura a vantagem de estabelecer um regulador dos preços correspondentes aos transportes feitos por particulares, como também evita os inconvenientes resultantes da falta dêstes, quando ela se verifique.

As fotografias que ilustram este artigo são da autoria de João da Silva Marques, empregado de 1.ª classe da Divisão de Exploração, retocadas por J. Afonso Nogueira, chefe de desenhadores da Divisão de Via e Obras.



Conferências de higiene social

A EXPANSÃO LUÉTICA E OS SEUS EFEITOS SOCIAIS

Conferência realizada pelo Snr. Dr. *José Carlos A. Craveiro Lopes*, Director do Posto Sanitário de Alcântara-Terra

(Conclusão)

Vamos a exemplos:

A descoberta do trepomena pálido que, como vos disse, é o agente da sífilis, permite, em regra, logo que aparece o cancro duro, isto é, a primeira manifestação da doença, conhecer a sua natureza.

Antes desta descoberta, acontecia muitas vezes ser necessário esperar bastantes dias, e até semanas, para se poder dizer, com relativa certeza, se era, ou não, cancro duro o que o doente tinha

E não se imagine que isso era coisa fácil.

O grande mestre Fournier dizia que, quanto maior número de cancros duros tinha visto, mais difícil considerava estar certo da sua natureza.

Com a descoberta do treponema, provou-se que pequeníssimas ulcerações, que, pelo seu aspecto não poderiam ser reconhecidas como acidentes primários da sífilis, o eram por vezes, como se provou noutros casos que lesões que aparentavam êsses acidentes eram doutra natureza.

Permite pois a pesquisa do treponema confirmar o exame clínico e dar-lhe uma certeza que, sem isso, êle só mais tarde podia ter.

Assim o tratamento pode iniciar-se muito mais cedo do que antigamente, com grande proveito para o doente.

Parece, portanto, que já daqui deveria ter resultado um grande benefício, mas, a verdade é que, na grande maioria dos casos, o doente em vez de procurar o médico logo que tem qualquer ulceração, limita-se a pensar que não é nada, ou a experimentar tratamentos locais, aconselhados pelos amigos ou pelos conhecidos e a natureza do seu mal é ignorada logo de princípio.

Entretanto as conseqüências dêste primeiro e grave êrro não só para o doente, que vai iniciar o seu tratamento em peiores condições, são também para quem êle pode contagiar na ignorância do seu mal.

Sucede, além disso, que a aplicação de tratamentos locais pode tornar depois muito difícil, ou até impossível, encontrar o treponema.

Então o caso é mais complicado porque obriga a esperar um mês e mais para se poder examinar o sangue do doente e o atrazo no tratamento é ainda maior.

Outro êrro e mais grave, é aquêle que os doentes por vezes cometem quando, sem se mostrarem ao médico, recebem tratamento antisifilítico.

Acontece em tais circunstâncias, quando nos procuram, já nada terem de anormal, o que nos coloca nas maiores dificuldades pois nem o exame clínico nem as análises podem esclarecer o problema com brevidade.

E' claro que o doente, com aquela facilidade de tirar conclusões que a ignorância geralmente dá, conclui que era realmente sífilis que tinha porque com o tratamento cicatrizou, como se muitas lesões se não curassem sem tratamento nenhum e como se os medicamentos usados contra a sífilis não favorecessem também a cicatrização de lesões doutra natureza!

Outras vezes ainda, o doente, em vez de consultar o médico quando lhe aparece qualquer ulceração, manda fazer uma análise ao sangue a um laboratório.

Vi, em tempos, um indivíduo nestas condições que mandou examinar o seu sangue em 3 laboratórios e, como o resultado fôsse em todos negativo, concluiu que não tinha sífilis, não teve os cuidados necessários e contagiou a mulher.

Ora as análises estavam certíssimas, *a reacção só se torna positiva no sangue algum tempo depois do aparecimento do acidente primário,* embora antes das manifestações gerais.

Outras pessoas ainda, em face dum resultado positivo de exame de sangue, concluem, sem serem vistas pelo médico, que têm sífilis.

O doente ignora que os exames desta natureza são de uma técnica delicadíssima e que têm de ser repetidos quando os seus resultados não concordam com o exame clínico.

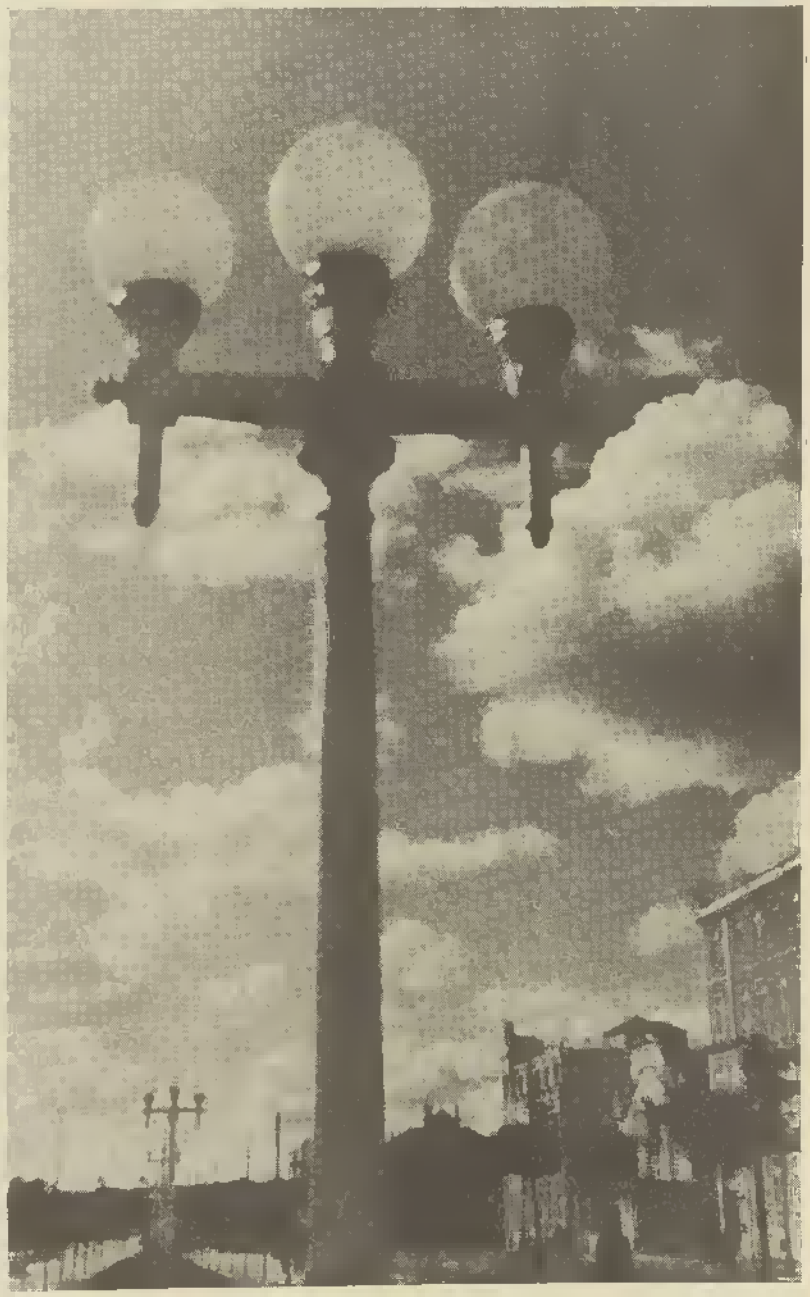
Ainda ha meses me procurou um indivíduo nestas condições que trazia consigo um boletim de análise positiva e vinha já disposto a iniciar o seu tratamento.

A observação do doente não conduzia porém à mesma conclusão e, repetidos exames de laboratório e uma observação de alguns meses, permitiram-me eliminar com inteira segurança a existência de uma sífilis e poupar a êste indivíduo os inconvenientes de um longo tratamento.

Se na verdade, mais tarde, nem sempre é possível saber com absoluta certeza se o indivíduo tem sífilis, *nos estados iniciais da doença, antes de começado o tratamento, êsse problema pode e deve ser sempre resolvido com segurança.*

Mas, vamos a supor que, felizmente, o doente sensatamente, à primeira manifestação, foi logo consultar o médico, e que êste, conscienciosamente, determinou com segurança a natureza da doença. Encontrou-se o treponema na serosidade da ferida, tem-se a certeza e vai começar-se o tratamento nas melhores condições.

Na maior parte dos casos o doente vendo ràpidamente cicatrizar a sua lesão, e sentindo-se perfeitamente bem, suspende o tratamento antes que o médico lho aconselhe. Perdeu assim o benefício que lhe advinha de ter sido reconhecida cedo a sua doença e cedo se ter começado a tratar-se.



NUVENS

Foto. de Álvaro Paz, enfermeiro de 2.ª classe, do Posto de Alfarelos.

Quando, em 1910, Ehrlich descobriu o 606, supoz-se que êsse medicamento curava a sífilis com 1 ou 2 injecções.

Com efeito, nada mais admirável que, num doente cheio de lesões exteriores, vê-las desaparecer em 3 ou 4 dias, e às vezes menos, quando com o antigo tratamento mercurial era necessário muito mais tempo.

Certas placas mucosas da boca desaparecem às vezes em menos de 24 horas.

Não admira que um medicamento de acção tão brilhante tivesse suscitado tão grande entusiasmo e tivesse levado a pensar que curava a sífilis ràpidamente.

Começaram a tratar-se doentes com 1 ou 2 injecções de 606, suspendendo-se em seguida o tratamento.

Ora verificou-se que, passados alguns meses, se uma parte dos doentes continuava bem, muitos apresentavam novamente manifestações sifilíticas e alguns apareciam cegos e surdos.

Ao entusiasmo dos primeiros momentos sucedeu o terror do medicamento, dizendo-se que êle produzia a cegueira e a surdez.

A ousadia de alguns médicos, continuando a administrar o 606 a êsses cegos e surdos e vendo que muitos dêles recuperavam a vista e o ouvido permitiu demonstrar que a cegueira e a surdez não eram nesses casos devidas ao 606, mas sim à sífilis insuficientemente tratada.

No entanto, êstes factos deram origem a grandes receios da parte da classe médica e do público em geral, tanto mais que outras complicações graves e até mortais apareciam em diferentes países.

Muitos médicos deixaram de empregar o 606 e, por seu lado, os doentes recusavam-se a recebe-lo, receiosos dos seus perigos.

Entretanto, pouco a pouco, foi-se novamente fazendo justiça a êstes preparados, à medida que se aperfeiçoava o seu fabrico e se ia conhecendo melhor quando se deviam ou não aplicar e quando se devia suspender a sua aplicação, etc.

Durante a Guerra de 1914, nalguns países a industria química viu-se privada dos seus técnicos habituais com prejuízo da qualidade dêstes medicamentos, o que deu lugar a novos acidentes.

Hoje, porém, fabricam-se e experimentam-se êsses produtos em condições de grande perfeição e segurança.

Conto tudo isto para assim podermos compreender os atrazos que a luta contra a sífilis tem tido.

Já vos falei dos exames de sangue. É um ponto que merece que lhe dediquemos ainda dois minutos de atenção.

Os serviços prestados por estas análises são relevantíssimos. Elas têm permitido muitas vezes conhecer a natureza sifilítica de várias afecções. Fornecem também aos médicos muitas outras indicações preciosas, que não é aqui lugar para apreciar.

Entretanto, os resultados dêstes exames quando conhecidos pelos doentes a quantas ilusões e a quantos êrros graves têm dado lugar!

Citei o caso da análise negativa no princípio da doença. Inútil insistir na gravidade do êrro que ocasiona ao doente.

Mais tarde, em presença de uma análise negativa, o doente julga-se curado. Êrro das mais funestas conseqüências. Uma só análise negativa pouco valor tem. Várias sucessivas têm um valor que, em cada caso, *só o médico, em presença do conhecimento do doente*, pode avaliar.

Nas sífilis antigas, sem manifestações, perto de metade dos resultados são negativos, nas sífilis hereditárias a mesma coisa.

Isto dá-vos bem a ideia de quanto êste assunto é complicado e quanto é insensato ao doente fazer por êle juízo.

O sifilítico, *mesmo com manifestações*, pode ter um exame de sangue negativo.

Ainda recentemente vi 2 doentes nestas condições: um deles com uma grave afecção visual, quási cego, a quem mandei fazer 4 análises em 3 laboratórios diferentes, tôdas negativas e que nalgumas semanas ficou curado; outro, um doente com numerosas e extensas ulcerações da pele do tronco, havia um ano que estava tomando banhos de sol numa praia da linha de Cascais. Tinha também 2 exames de sangue negativos e curou-se ràpidamente.

As análises são portanto para os médicos; o doente não tem competência para as interpretar.

Também citei o emprêgo do bismuto na luta

contra a sífilis, como sendo uma das mais importantes aquisições dos últimos tempos.

Se vos disser que o bismuto começou a ser usado como antisifilítico ha pouco mais de uma dúzia de anos e se acrescentar que a maior parte dos médicos esperaram primeiro que os seus créditos se firmassem, antes de começar a usa-lo em larga escala, compreendereis que só, ha relativamente pouco tempo, a sua acção se faz sentir com intensidade na luta contra a sífilis.

Finalmente, a falta de disciplina individual nos tratamentos tem sido o factor principal de insucesso na maioria dos casos.

Não é raro fazerem-nos estas preguntas: «Dr., qual é agora o melhor tratamento para a sífilis?»

Ninguém ignora que ha pneumonias graves e pneumonias benignas, que a quantidade e a qualidade de tratamento aplicado a umas e outras têm que ser diferentes.

Tôda a gente sabe que ha sarampos de maior e menor gravidade; o mesmo para a febre tifóide e para outras afecções.

Como supor então que o caso é diferente para a sífilis, se precisamente esta é das doenças que mais variam de indivíduo para indivíduo?!

Assim o tratamento será diverso conforme as circunstâncias de cada doente, como igualmente variável será a sua duração.

O tratamento antisifilítico, quando instituído nas primeiras fases da doença e quando feito correctamente, afasta *quási* por completo o perigo das complicações tardias graves.

Mas, eu digo «quási por completo» porque ha uma percentagem mínima de casos em que, apesar de um tratamento correcto inicial, podem sobrevir complicações graves.

Poderia ocultar-vos êste ponto negro, mas o seu conhecimento é indispensável para se reconhecer que o doente necessita, uma vez que o seu tratamento foi considerado concluído, ficar submetido a uma vigilância médica tôda a vida, primeiro várias vezes, depois uma vez em cada ano.

Assim o médico, com os seus diferentes meios de exame, poderá em geral evitar o perigo antes que o doente dêle se aperceba.

A nossa geração só parcialmente aproveitou ainda os benefícios dos nossos actuais conhecimentos.

A geração de amanhã, educada e instruída dentro das noções modernas, irá colher, sem dúvida, resultados muito mais interessantes da sua aplicação conscienciosa.

Nenhumas considerações, porém, melhor vos darão uma ideia das nossas possibilidades na luta contra a sífilis e do valor dos nossos actuais meios de ataque à doença, do que o exemplo da Dinamarca.

A Dinamarca foi o primeiro país em que a sífilis foi tratada gratuitamente, o que se dá desde o ano de 1790.

A partir de 1874, além de gratuito, o tratamento passou também a ser obrigatório.

O doente tem, no entanto, a liberdade de escolher o seu médico, o que é muito importante.

Não existe de resto declaração médica obrigatória a não ser nos casos em que o doente recusa seguir o seu tratamento.

Este método existe também hoje na Suécia, na Checo-Eslováquia e nalguns dos Estados Unidos da América do Norte.

As declarações semanais dos médicos ao Serviços Centrais de Saúde são feitas sem designar o nome das pessoas, que ficam sob rigoroso segrêdo médico.

Só em casos excepcionais, em que o sifilítico, convidado duas vezes a comparecer ao tratamento, se recusa, é que intervém a polícia sanitária.

Esta eventualidade é, ao que parece, rara.

O que dá êste sistema, comparado com o dos outros países, *onde os medicamentos são os mesmos*, mas onde falta a regularidade e o método no tratamento?

Na Dinamarca, de 1919 a 1933, isto é, no espaço de 14 anos, o número de casos de sífilis adquirida passou de 4500 a 700 e o de sífilis hereditárias de 280 passou para 29.

Em Copenhague, capital da Dinamarca, em igual período, o número de casos registados anualmente reduziu-se a 1/10.

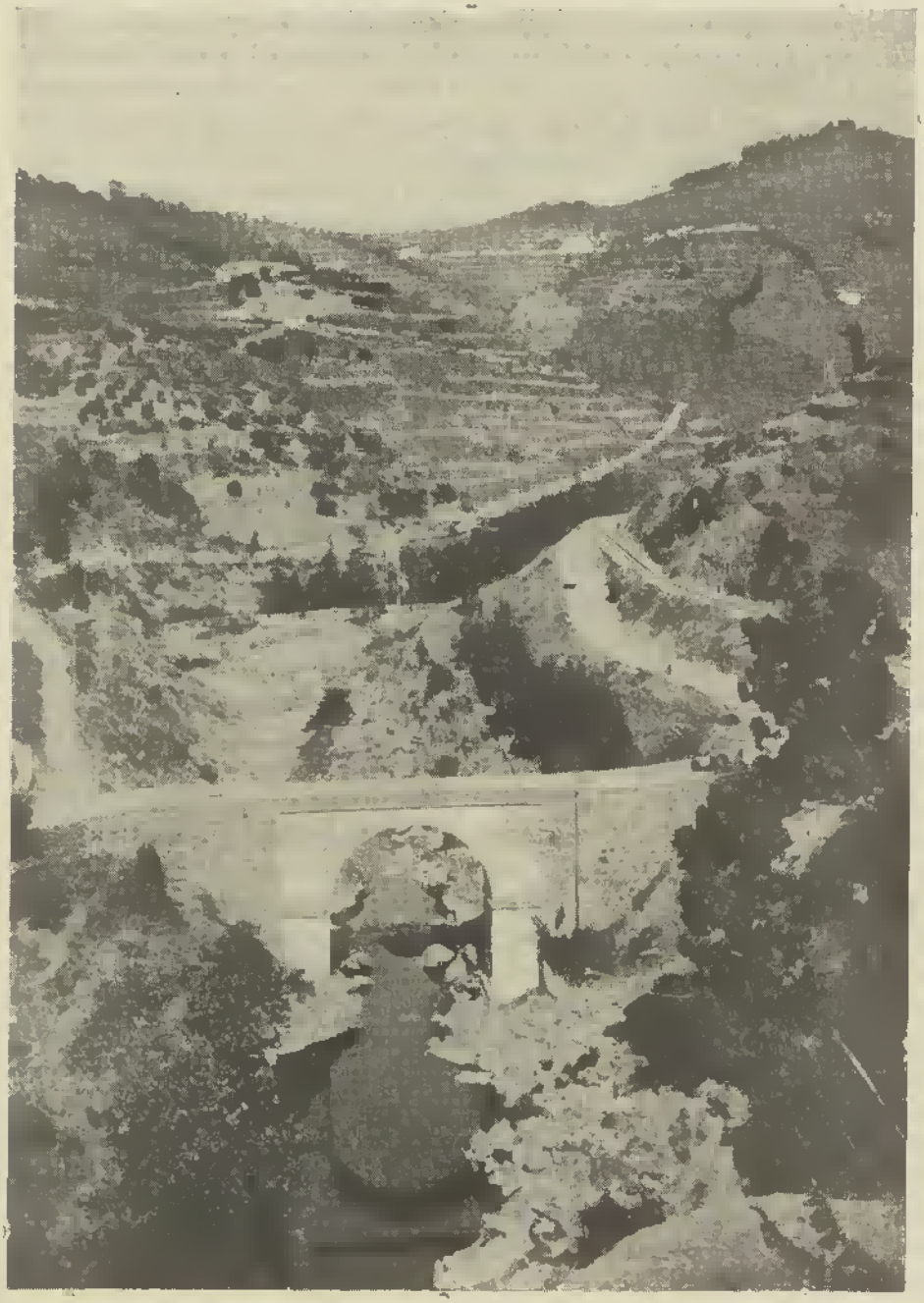
Verificou-se, de resto, que mesmo êsse décimo era, a maior parte das vezes, de origem estrangeira, o que não é para admirar numa cidade com intenso tráfego naval.

Citei-vos a organização da Dinamarca por ser a mais demonstrativa.

E' um país pequeno mas que, em matéria de higiene social, pode dar leis ao Mundo.

O seu exemplo é edificante.

Ele mostra-nos bem que na luta contra a sífilis a vitória pertencerá sôbretudo àqueles que tiverem vontade de vencer.



Arredores da Régua

PONTE SÔBRE O CORGO

Foto. de António Rodrigues Coutinho, factor de 2.ª classe, Campanhã.

Notas de Arte.

Uma cidade desencantada

Pelo Snr. Eng.º *J. de Sousa Nunes*, Chefe de Serviço da Divisão de Via e Obras

(Conclusão)

II

A maior parte das construções de que hoje se admiram as ruínas em Pompeios datam do período que medeia entre as duas últimas catástrofes sofridas pela cidade e apresentam por isso um sistema construtivo em que se nota a preocupação de acabar ràpidamente, para o que utilizaram com freqüência, não só tijolos mas também blocos naturais e artificiais. Por efeito destas circunstâncias nota-se que muitas perderam grandeza, esplendor e gracilidade com a reconstrução, porquanto as anteriores edificações, realizadas no período compreendido entre o século segundo antes da nossa era e a conquista romana, revelavam a elegância e beleza próprias da arte grega, cuja influência muito se fez sentir durante essa época.

Existem casas com dois e três pavimentos, mas normalmente são de simples rés-do-chão, de frontaria singelíssima e sem pretensões, pois tôda a riqueza, graciosidade e magnificência se reservavam para os interiores.

Após as excavações, muitas moradias foram reconstituídas ou restauradas e expostas ao público que por elas pode avaliar o gôsto que a sua ornamentação interna merecia aos pompeianos, que adoravam as artes. Em tôda a parte a pintura mural tem um lugar saliente pois até alegrava as mais humildes casas. Os assuntos mais vulgarmente tratados e preferidos focam cenas mitológicas, as quais, porém, são sempre vistas por um prisma optimista que

Pompeios — «Villa» dos Mistérios Dionisíacos. Um dos quadros parietais com figuras de tamanho natural

apresenta os deuses alegres, fagueiros e, por assim dizer, humanos, como que participando das fraquezas mundanas.

«Vemos em Pompeios a velha mitologia grega morrer a rir. Ali não subsistiu sentimento nenhum sério ou profundo [1]».

Devo acrescentar que em quási todos os quadros os assuntos escolhidos parecem ùnicamente pretexto para retratos.

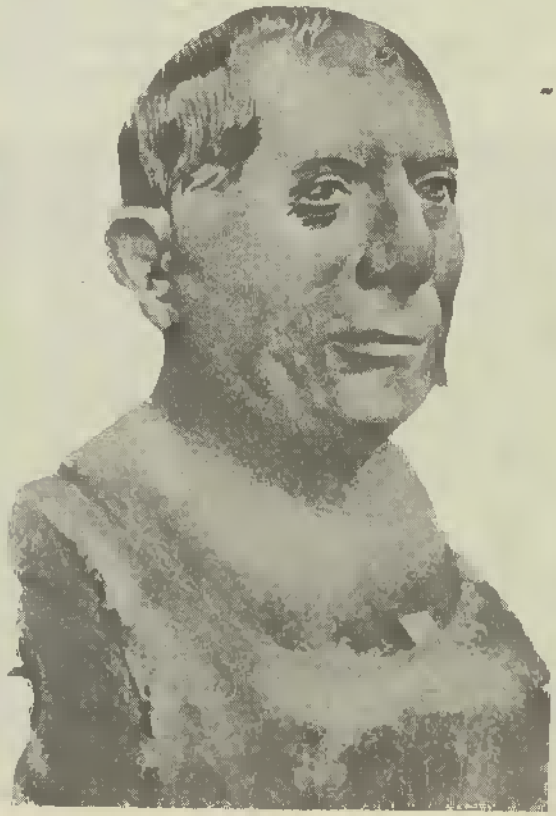
Além dos temas mitológicos surgem também donde em onde paisagens, vistas arquitectónicas, interiores de lojas, de oficinas, de termopólios, fases de trabalhos agrícolas e marítimos,

Museu de Nápoles — Pintura de Pompeios representativa de Marte, deus da Guerra, e de Vénus, a deusa da beleza e do amor. Cena mitológica que deve ter sido um pretexto para retratos

À esquerda:

Em cima: Pompeios — Retrato feito de mosaico. Distinguem-se perfeitamente as pedrinhas de diversas côres que constituem o quadro. A certa distância, porém, as separações dos diversos elementos desvanecem-se notando-se simplesmente as manchas coloridas com riqueza

Em baixo: Pompeios — Busto do banqueiro Cecilio Jucundo que devia ser um homem astuto, prático e pouco sensível. «A sua fisionomia é fina, vulpacea e dura, o olhar inquisitorial e falso, a bôca má. Mas êste busto é um maravilhoso retrato, cheio de naturalidade e de vida e do qual, sem conhecer o personagem, se pode garantir a parecença» [2]



cenas militares, afora outros assuntos um tanto vulgares e do agrado dos pompeianos

---

(1) *Louis Hourticq* — Encyclopédie des Beaux-Arts pag. 157 do vol. II.

(2) *Henry Thédenat* — Pompei, pag. 146 do vol. I.

mas que a sensibilidade moral dos nossos dias repudia.

A escultura não estaria certamente em plano inferior quanto ao aprêço em que igualmente a teriam, embora o número destas produções seja muito menor, o que se explica pela facilidade que, após a catástrofe, os sobreviventes tiveram de, por meio

Pompeios — Casa dos Vétios. Amorinhos vinicultores

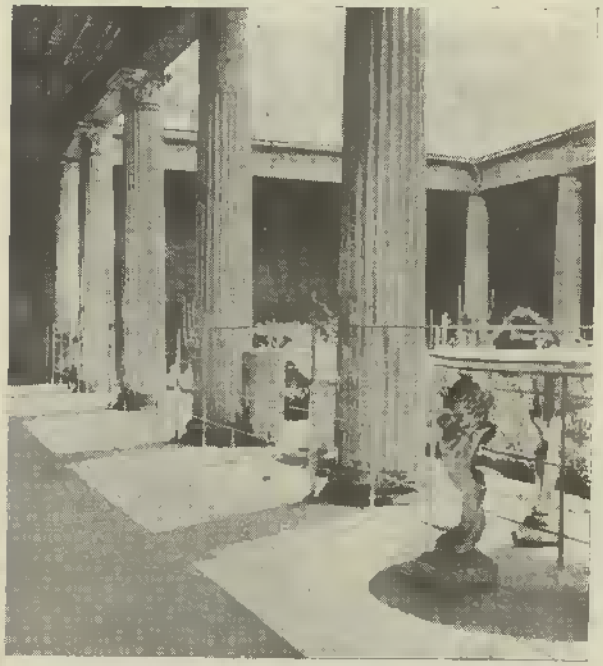
Ao centro: Museu de Nápoles — Mosaico da casa do Fauno de Pompeios, representativo da Batalha de Issos. Cópia duma pintura grega, talvez de *Philoxenos* de Eretria. Alexandre de Macedónia, à esquerda, fere com a sua lança um nóbre persa, cujo sacrifício permite ao rei Dario fugir a toda a pressa no seu carro

Em baixo: Pompeios — Átrio da casa do Fauno, onde a estátueta que lhe dá o nome se eleva a meio do impluvio. Ao fundo as colunas do peristilo

Pompeios — Larário da casa dos Vétios

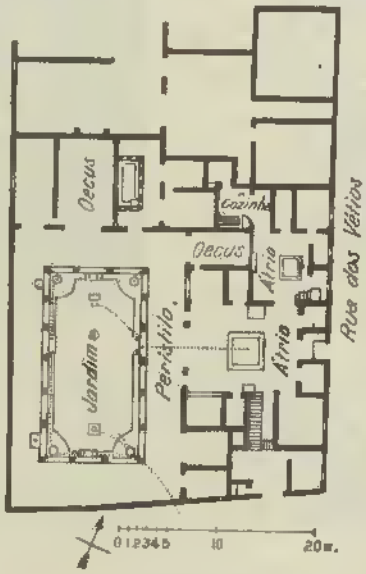
de galerias, atingirem os locais onde se encontravam estátuas e estatuetas das quais se reapoderaram e transportaram para outros locais.

Outra modalidade artística muito em voga era o mosaico, geralmente empregado em pavimentos e executado pela junção de inúmeras e minúsculas pedrinhas de côres diferentes ligadas por cimento. Alguns mosaicos constituem verdadeiros quadros de muito valor, como por exemplo o proveniente da opulenta casa do Fauno, agora no Museu de Nápoles, representativo da batalha em que Alexandre de Macedónia, no ano 333 antes de Cristo, derrotou, junto da cidade de Isso, os persas, comandados pelo próprio rei Dario.



Pompeios — Estado actual do peristilo da casa dos Vétios

Muitas são as casas que merecem ser visitadas e admiradas em Pompeios, e para as individualizar, além da classificação oficial e científica da Direcção das Excavações, têm-lhes sido atribuídas denominações diversas nem sempre, porém, concordes com a verdade histórica,



Pompeios — Planta da casa dos Vétios

apesar de na realidade serem de ordinário bastante evocadoras. Citarei ao acaso, além das já mencionadas, a de Lucrécio Frontão, a do Cirurgião, a de Cornélio Rufo, a de Meleagro, a do Poeta Trágico, a de Salústio, a dos Amores Dourados, a de Diomedes, a dos Mistérios Dionisíacos, a de Menandro, a das Bodas de Prata, a de Castor e Polux e a dos Vétios que é a mais preciosa e concorrida em virtude da sua extraordinária ornamentação pictural e por se encontrar quási totalmente restaurada, motivo por que oferece aspecto verdadeiramente impressionante que surpreende todos os visitantes.

A reconstituïção desta artística residência

tem sido feita com tanto desvelo e carinho quanto seguro critério, de forma que hoje se nos patenteia encantadoramente elegante na variedade e frescura da sua delicada ornamentação. A perfeição da restauração chega a ponto de nos sugerir o engano de se poder também

Pompeios — Urna funerária de vidro azul com sobreposição duma camada de esmalte branco em relêvo representativa de cenas báquicas rodeadas de pâmpanos

insuflar vida nova e sem preocupações aos ditosos que ali viveram ha dois mil anos.

Na entrada da casa, no prótiro, cujas portas foram executadas segundo o molde das antigas, vê-se, no nembo à direita, um humorístico retrato, mas licencioso, do mitológico Paris, filho de Príamo, rei de Troia, famosa cidade da Ásia menor que o rei Menelau e seus aliados des-

Pompeios — Uma das pinturas murais mais vulgarizadas: uma dançarina

truíram como vingança da afronta que aquêle lhe infligiu raptando-lhe a esposa, a formosa Helena.

O átrio de tipo toscano tinha também as paredes ornamentadas de pinturas hoje bastante deterioradas; aí se vêem o implúvio, os restos da caixa forte, as entradas dos *cubículi* e do triclínio, as alas e a comunicação com outro átrio secundário onde estava o larário, a escada para o andar superior e a passagem para a cozinha,

Pompeios — O peristilio da casa dos Vétios (restaurado)

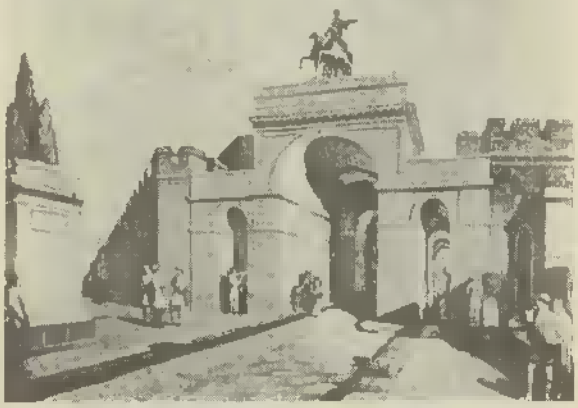
Pompeios — Sala da Casa dos Vétios que nos mostra a ornamentação de todas as paredes com belos quadros e outras pinturas ricamente coloridas além de extraordinàriamente bem conservadas

do átrio principal ao perístilo formado por um alpendre apoiado em dezoito colunas que circundam o *viridarium* ou jardim cujos canteiros actuais foram executados segundo os vestígios encontrados do que existiu antes da catástrofe e de conformidade com as expressivas vistas que as pinturas das próprias paredes da colunata sugerem; reconstituíu-se ainda, não só o tanque senão também os repuxos, aproveitando inclusivamente os próprios tubos de chumbo de adução da água encontrados e repondo-se as estatuetas e mesas de mármore nos seus respectivos lugares.

em cuja lareira ainda se conservam, de mistura com as pedras expelidas pelo Vesúvio, as tripeças e panelas que lá ficaram no dia do derradeiro cataclismo.

Anexo à cozinha, mesmo em frente do lar, existe um deminuto compartimento chamado *venereum*, em cujas paredes se pintam cenas demasiado livres e onde impera em seu nicho uma assustadora estatueta de mármore que figura o Deus Falo, o qual preside à fecundidade.

Por não existir tablino passa-se directamente



Pompeios — Uma hipotética reconstituição da porta de Herculano

Pompeios — Casa dos Vétios. Os Amorinhos ourives

Dois *oecus* magnificentemente enfeitados com maravilhosas pinturas murais têm acesso pelo perístilo; num sobresaem grandes quadros de temas mitológicos e noutro a ornamentação assume um carácter mais geométrico com as paredes divididas em apainelados onde se divisam candelabros de fantasia e figuras preciosíssimas, além dum friso em que o artista se esmerou apuradamente no delineamento de espirituosas cenas

A centinela de Pompeios, símbolo do Dever .

Composição do arquitecto Collinelli Telmo

de amorinhos alados. Tudo isto, porém, em tão perfeito estado de conservação e de tons tão vivos que dir-se-ia ter sido acabado há dias!

Os romanos não tinham geralmente cemitérios, pois incineravam os seus mortos, mas elevavam monumentos funerários onde lhes guardavam as cinzas. Em regra êsses túmulos erigiam-se á beira das estradas junto das cidades. Em Pompeios não falta a Via dos Sepulcros ladeada de inúmeros moimentos fúnebres.

Poderia, talvez, algo acrescentar ainda á descrição que faço desta cidade por assim dizer desencantada, até sem descer a minudências, mas creio ser suficiente como sumária elucidação dos leitores o que fica escrito.

Para terminar, quero contudo referir uma impressionante nota colhida por ocasião da excavação da porta da cidade hoje denominada de Herculano. E para o fazer com palavras que não desmereçam as publicadas nêste Boletim [1] em Dezembro de 1929 àcêrca do mesmo assunto, traduzirei os inspirados períodos que o insuspeito escritor que foi Blasco Ibañez lhe consagrou na obra intitulada *En el Pais del Arte* [2].

«Porém, de todas as tragédias que se desenrolaram em plena catástrofe e que a lava revelou depois de as manter ocultas tantos séculos, a mais comovedora é a da centinela que guardava

---

(1) Êste assunto foi primorosamente versado, no n.º 6 do *Boletim da C. P.* de Dezembro de 1929, pelo Ex.mo Snr. Eng.º M. Pinto Osório, no artigo intitulado *O Dever*.

(2) V. Blasco Ibañez — *En el Pais del Arte* — página 204.

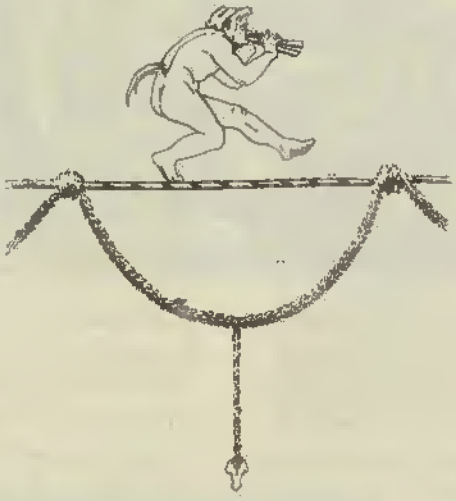
a porta por onde se sái para a Via dos Sepulcros.

Ao executarem-se as excavações por êste lado da cidade encontrou-se dentro da guarita de pedra o legionário romano, firme no seu pôsto, apoiado na lança, com o escudo aos pés e a vizeira do capacete sôbre os olhos.

No sítio onde estava, tinha em frente o Vesúvio.

Viu escapar-se o inferno pelo cume circundado de trovões e relâmpagos; baixarem pelas encostas e aproximarem-se, serpenteando, os rios de lava; fugir a gente, que passava deante dêle, louca de terror; cair do céu lôbrego uma chuva de cinzas, que primeiro lhe cobriu os pés, depois os joelhos, logo o peito e pouco a pouco foi enterrando a cidade. Porém, a instrução-do-pôsto mandava-o permanecer no seu lugar guardando a porta; não podia mover-se enquanto não o viessem render. E ali morreu desatendendo os conselhos do instinto de conservação, esquecido pelos seus superiores, com a tranqüilidade de quem cumpre o dever, para surgir séculos depois entre a terra removida, sempre de pé e sereno, como bom legionário romano.

Compreende-se que soldados assim conquistassem o mundo».



Pompéios — Pintura ornamental numa parede da «Villa» de Cícero: um funâmbulo

Concurso de fotografias para ilustração do «Boletim da C. P.»

Foi resolvido repetir-se no presente ano o concurso de fotografias para ilustração do *Boletim* com as bases iguais às do ano passado, e que a seguir transcrevemos:

Condições de admissão

a) — Ser assinante do ***Boletim da C. P.***

b) — Ter categoria inferior a Sub-chefe de Serviço.

Condições para ser classificado

a) — Deverão ser apresentadas, pelo menos, 12 fotografias e não mais de 30.

b) — Não poderão ser enviadas mais de 4 fotografias em cada mês.

c) — As fotografias serão impressas no formato mínimo de $0^m,13 \times 0^m,18$.

d) — Cada fotografia deverá ter no verso o título a dar, o nome do autor, sua categoria e localidade onde presta serviço.

e) — Os assuntos a tratar serão da livre escolha do autor e os originais poderão ser retocados.

f) — As fotografias não deverão ser coladas em cartão.

Prémios

1.º Prémio	.....	600$00
2.º »	.....	500$00
3.º »	.....	400$00
4.º »	.....	300$00

Menções honrosas, em número indeterminado, para todos os trabalhos apresentados, que tenham valor absoluto.

Condições gerais

a) — O prazo para a entrega dos trabalhos termina no dia 30 de Dezembro do corrente ano.

b) — O júri para apreciação e classificação dos trabalhos apresentados reünirá em Janeiro do próximo ano, sendo os respectivos resultados publicados no ***Boletim da C. P.***

c) — Aos concorrentes premiados e bem assim àqueles a quem fôr conferida menção honrosa, será dado um diploma.

d) — O júri tem ainda o direito, quando lhe seja impossível estabelecer nitidamente a classificação dos quatro primeiros concorrentes por ordem de valores, de juntar dois, três ou os quatro dos prémios, e distribuí-los eqüitativamente pelos dois, três ou quatro concorrentes em igualdade de circunstâncias.

Consultas e Documentos

CONSULTAS

I — Tráfego e Fiscalização

Tarifas:

P. n.º 669. — Peço dizer-me qual a taxa do seguinte transporte: três automóveis carregados num só vagão, de Vila Franca de Xira a Coimbra, em p. v.. Carga e descarga pela Companhia.

R.

Tarifa Geral, base 28.ª, com 25 % (Art. 75.º)

Base com recargo: $29\$93 + \frac{25 \times 29\$93}{100} = 37\$41,25$

Transporte 37$41,25 × 11	411$54
Ev. e manobras $80 × 11 × 3	26$40
Carga $80 × 2 × 11 × 3	52$80
Descarga $80 × 2 × 11 × 3	52$80
Registo e Aviso	1$10
	544$64
Adicional de 10 %	54$47
Arredondamento	$04
	599$15

P. n.º 670. — Peço que me seja pormenorizado o processo de taxa do seguinte transporte em p. v.:

Barreiro-Terra a Viana-Doca; 1 vagão cisterna particular com sulfureto de carbono, 7.000 quilos, carga e descarga pelos dônos.

R.

B. B.

Distância: 57 Km. — Tabela 9

Transporte 2$16 × 11 × 10	237$60
Bónus (V/particular) $01 × 11 × 57	6$27
	231$33
Impôsto do sêlo	11$69
Ev. e manobras $20 × 11 × 10	22$00
Registo e assistência	$70
	265$72
Adicional de 10 %	26$58
Adicional de 5 %	14$62
Arredondamento	$03
	306$95

A. R.

Distância: 349 Km. — Tabela 13

Transporte 12$18 × 11 × 10	1.339$80
Bónus (V/particular) $01 × 11 × 349	38$39
	1.301$41
Impôsto de sêlo	65$73
	1.367$14
Adicional de 10 %	136$72
Arredondamento	$04
	1.503$90

M. D.

Distância: 82 Km. — Tabela 9

Transporte 3$06 × 11 × 10		336$60
Bónus (V/particular) $01 × 11 × 82		9$02
		327$58
Impôsto de sêlo		16$55
Ev. manobras $20 × 11 × 10		22$00
Aviso de chegada		$55
		366$68
Adicional de 10 %		36$67
Adicional de 5 %		20$17
		423$52
Doca 2$50 × 11	27$50	
Impôsto de sêlo	1$39	
	28$89	
Adicional de 10 %	2$89	
Adicional de 5 %	1$59	33$37
		456$89
Arredondamento		$01
		456$90

Vêr nota 7 do A. n.º 375 e § único do Art.º 1.º e Art.º 2.º do Capítulo 1.º da Tarifa Especial A.

P. n.º 671. — Desejo saber qual a taxa de manutenção referente ao transporte de uma galera e um carro de bois, desmontados, com o pêso de 380 K., de Paços de Brandão a Cascais.

R. — A taxa de evoluções e manobras, tras-

bordo e transmissão dos veículos é, no caso de que se trata, a seguinte:

Galera:		
Ev. e manobras (C. P.) .	$60 × 11	6$60
Ev. e manobras (V. V).	$70 × 11	7$70
Carro de bois:		
Manutenção.	1$00 × 11 × 0,38....	4$18
Transmissão (S. E.)	1$00 × 11	11$00
		29$48
Adicional de 10 %.....		2$95
		32$43

Nota-se que, pelo que respeita ao carro de bois, não se cobra importância alguma a título de trasbordo, visto as operações de carga e de descarga competirem ao caminho de ferro que, nessa conformidade, cobra a manutenção de 1$00 por tonelada estipulada no § 1.º do Art.º 3.º da Tarifa de Despesas Acessórias sujeita ao multiplicador 11.

Tôrre de Menagem do Castelo de Beja

Fotog. do Eng.º Ferreira Gonçalves

P. n.º 672. — Quando em um combóio trâmuei, na zôna de acção da Tarifa 3, fôr apresentada requisição a pronto pagamento (Art.º 47.º do livro E. 11) o revisor deve estabelecer bilhete de papel ou F. 21, ao preço da referida Tarifa 3?

R. — Deve ser estabelecido bilhete da Tarifa n.º 3

P. n.º 673. — Peço que me seja indicada a taxa do seguinte transporte: Cabazes com azeitonas verdes, pêso 12.500 quilogramas, em pequena velocidade, de Lagoaça a Montijo. Carga e descarga pelos dono.

Foi requisitado e fornecido vagão tipo normal.

R.

C. N.

Distância: 222 Km. — Tabela 8

Vêr Circular n.º 642 do Serviço da Fiscalização e Estatística.

$$\left(9\$05 - \frac{10 \times 9\$05}{100}\right) \times 22{,}5 = 1\$83{,}2625.$$

Transporte 1$84 × 11 × 12,5	253$00
Ev. e manobras $40 × 11 × 12,5	55$00
Trasbôrdo $30 × 11 × 12,5	41$25
Impôsto do sêlo	12$78
Registo e Assistência	$70
	362$73
Adicional de 10 %	36$28
Adicional de 5 %	19$96
Arredondamento	$03
Total	419$00

M. D.

Distância: 222 Km. — Tabela 8

Vêr Circular n.º 642 do Serviço da Fiscalização e Estatística.

$$\left(9\$05 - \frac{10 \times 9\$05}{100}\right) \times 77{,}5 = 6\$31{,}2375.$$

Transporte 6$31 × 11 × 12,5	867$63
Ev. e manobras $20 × 11 × 12,5	27$50
Trasbôrdo $30 × 11 × 12,5	41$25
Impôsto do sêlo	43$82
	980$20
Adicional de 10 %	98$02
Adicional de 5 %	53$92
Arredondamento	$01
Total	1.132$15

A. R.

Distância: 349 Km. — Tabela 27

Transporte 9$02 × 11 × 12,5	1.240$25
Impôsto do sêlo	62$64
	1.302$89
Adicional de 10 %	130$29
Arredondamento	$02
Total	1.433$20

S. S.

Distância: 58 Km. — Tabela 8

$$\left(2\$26 - \frac{10 \times 2\$26}{100}\right) = 2\$03{,}4$$

Transporte 2$03,4 × 11 × 12,5	279$6
Ev. e manobras $02 × 11 × 12,5	27$50
Impôsto de sêlo	14$13
Aviso de chegada	$55
	321$86
Adicional de 10 %	32$19
Adicional de 5 %	17$71
Arredondamento	$04
Total	371$80

DOCUMENTOS

I — Tráfego

Comunicação-Circular n.º 45. — Transcreve o 18.º Aditamento à Classificação Geral, publicado pela Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta e o Aditamento à Tarifa Especial Interna n.º 1 de pequena velocidade, publicado pela mesma Emprêsa, criando preços de detalhe para a Tabela n.º 1.

Comunicação-Circular n.º 46. — Prescreve a forma de processar as taxas de serviço combinado com as linhas de via reduzida sub-arrendadas à Companhia Nacional e à Companhia do Norte de Portugal.

Aviso ao Público A. n.º 518. — Anuncia a abertura à exploração do trôço de Souzel a Cabeço de Vide, da linha de Portalegre.

Aviso ao Público A. n.º 519. — Trata do mesmo assunto do Aviso ao Público A. n.º 518 que por aquêle é anulado e substituído.

Aditamento n.º 36 à Classificação Geral. — Por êste Aditamento inscrevem-se na Classificação Geral

duas novas rubricas relativas a milho partido e triturado e reduz-se para 9 toneladas a carga mínima de vagão completo a exigir para o transporte de sacos de papel *não designados*.

II — Fiscalização

Circular n.º 853. — Presta esclarecimentos sôbre várias disposições da Tarifa Geral, relativas a passageiros e bagagens.

Comunicação-Circular n.º 29. — Reproduz o espécime dos novos passes de livre circulação na Rêde Geral, com validade durante 5 anos.

Comunicação-Circular n.º 30. — Indica quais os combóios que podem ser utilizados pelos portadores de bilhetes da Tarifa Especial n.º 21, para ida ou regresso, fora das horas estabelecidas na condição 1.ª desta tarifa.

Comunicação-Circular n.º 31. — Por ter sido restabelecido o contracto de publicidade com o jornal «O Primeiro de Janeiro», do Pôrto, diz que êste periódico passa a ser transportado gratuitamente.

Comunicação-Circular n.º 32. — Fixa a importância de $15 a cobrar do responsável pela inutilização de cada escrituração de bagagem.

Comunicação-Circular n.º 33. — Diz que, quando ao abrigo da 9.ª Condição Geral dos Capítulos I, II e III da Tarifa Especial n.º 1 de p. v., seja efectuada alguma expedição constituída por várias mercadorias, entre as quais haja alguma isenta do adicional de 10 %, tôda a expedição deverá ser sobrecarregada com êste adicional.

Comunicação-Circular n.º 34. — Refere-se às requisições para viagens dos membros da Câmara Corporativa e da Assembleia Nacional, informando que os revisores as devem aceitar em trânsito, quando, eventualmente, os interessados não adquiram bilhete de viagem na bilheteira da estação.

Comunicação-Circular n.º 35. — Em virtude do restabelecimento do contrato de publicidade com o jornal «Os Ridículos», diz que esta publicação passa a ser transportada gratuitamente.

Comunicação-Circular n.º 36. — Esclarece que os passes anuais ou temporários fornecidos pela Companhia para percursos que possam ser feitos tanto pela via normal como pela excepcional, permitem aos seus portadores utilizar qualquer destas vias.

Carta-Impressa n.º 66. — Relaciona os bilhetes de identidade e anexos extraviados na 2.ª quinzena do mês de Dezembro de 1936 e que devem ser apreendidos.

Carta-Impressa n.º 67. — Trata da recolha dos arquivos das estações.

Carta-Impressa n.º 68. — Refere-se à prorrogação até 31 de Janeiro passado, da validade das autorizações concedidas aos empregados da Rádio Caminhos de Ferro, Limitada e aos sargentos e equiparados do R. S. C. F., para a redução de 75 %.

Carta-Impressa n.º 69. — Relaciona os passes, bilhetes de identidade, anexos e bilhetes de assinatura extraviados na 1.ª quinzena do mês de Janeiro de 1937 e que devem ser apreendidos.

Carta-Impressa n.º 70. — Trata da prorrogação, até ordem em contrário, da validade de passes e autorizações concedidas aos sargentos e equiparados do R. S. C. F.

Quantidade de vagões carregados e descarregados em serviço comercial no mês de Janeiro de 1937

	Antiga Rêde		Minho e Douro		Sul e Sueste	
	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados
Período de 1 a 8...	4.710	4.428	1.571	1.641	2.981	2.584
» » 9 » 15...	4.570	4.066	2.016	1.828	2.758	2.410
» » 16 » 22...	4.352	4.237	1.641	1.657	2.514	2.452
» » 23 » 31...	4.475	4.923	1.733	1.888	2.503	2.259
Total	18.107	17.654	6.961	7.014	10.751	9.712
Total do mês anterior	20.986	20.808	7.454	7.841	11.560	10.252
Diferenças	—2.879	—3.154	— 493	— 827	— 809	— 540

Factos e informações

A aceleração dos serviços de passageiros na rêde da Companhia dos Caminhos de Ferro Alemães

Esta aceleração, que vem sendo prosseguida desde há bastantes anos, manifestou-se por uma forma notável no horário para 1935-1936 posto em serviço no verão de 1935, excedendo mesmo o que seria de esperar, dados os aumentos de velocidade realizados já em 1933 e 1934.

Assim, a velocidade média do conjunto dos combóios rápidos que, de 1927 a 1934, aumentara de 60,2 Km. p. h. para 73,3 Km. p. h., ganhou ainda, no último horário, 1,4 Km. p. h., passando, portanto, a 74,7 Km. p. h. Durante os 8 anos em questão, o aumento foi, pois, de 14,5 p. h.

Os progressos alcançados tornam-se, porém, ainda mais sensíveis se se considerar a evolução da velocidade média dos mais rápidos combóios durante o período acima considerado, pois, para êles, o aumento da velocidade horária média foi de 20,1 Km. p. h. entre 1927 e 1935, correspondendo ao período de 1934 a 1935 o aumento de 4,4 Km. p. h.

Assim, a velocidade média do conjunto dêstes combóios que, em 1927, fôra de 68,4 Km. p. h., passou a 71,9 Km. p. h. em 1928, a 79,3 Km. p. h. em 1933, a 84,1 Km. p. h. em 1934 e, finalmente, a 88,5 Km. p. h. em 1935.

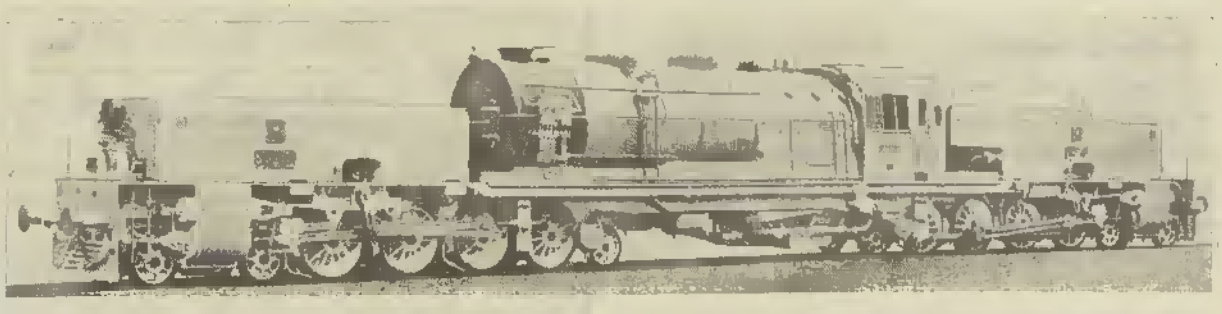
Não há dúvida de que, para êste resultado, contribuiram os serviços de *auto-rails* muito rápidos, que se estão multiplicando nas linhas dos caminhos de ferro alemães, onde, ainda ùltimamente, fôram abertos os seguintes:

- de Berlim a Colónia
- de Berlim a Francfort s/m
- de Colónia a Hamburgo e a Altona
- de Berlim a Hamburgo e a Altona

A seguir indicamos quais as maiores velocidades atingidas por combóios a vapor e por *auto-rails*, e figurando no horário entrado em vigor no verão de 1935:

Combóios a vapor:		
- Berlim-Hamburgo.	286km,8	116,2 Km. p. h.
- Hamburgo-Berlim.....	»	109,6 Km. p. h.
Auto-rails:		
- Berlim-Hanovre	254km,1	132,6 Km. p. h.
- Hanovre-Berlim	»	127,1 Km. p. h.
- Berlim-Leipzig	164km,4	128,0 Km. p. h.
- Leipzig-Berlim	»	129,8 Km. p. h.
- Hamm-Hanovre.	176km,4	126,1 Km. p. h.
- Berlim-Hamburgo	286km,8	124,6 Km. p. h.

Para mostrar bem qual a importância dos progressos que no último ano fôram realizados nos caminhos de ferro alemães, relativamente à aceleração dos serviços de passageiros, basta dizer que das 15 relações asseguradas em 1934 com a velocidade média de 100 Km. p. h. ou superior se passou para 39, que actualmente existem, das quais 18 correspondem a combóios a vapor e 21 a *auto-rails*.



Uma das locomotivas, sistema «Beyer-Garratt», construidas em Inglaterra para os caminhos de ferro do Irão. Destinam-se a rebocar combóios nas regiões montanhosas do Elburz, a formidável cordilheira asiática

Concurso de desenhos e fotografias

No próximo número daremos os nomes dos agentes premiados no concurso de desenhos e fotografias relativo ao ano de 1936. Desde já, porém, indicaremos os nomes dos concorrentes.

Secção de desenhos

A. J. Guerreiro, Alberto A. Mourato, António J. Sequeira e Bernardino Coelho.

Secção de fotografias

Abel Leite Pinto, Acácio Eduardo Rodrigues, Alvaro Paz, João José de Brito Abrantes, Manuel Esteves Júnior, Manuel Gonçalves e Octávio Homem.

No presente ano, o concurso fica limitado a fotografias, nas condições que publicamos noutro lugar.

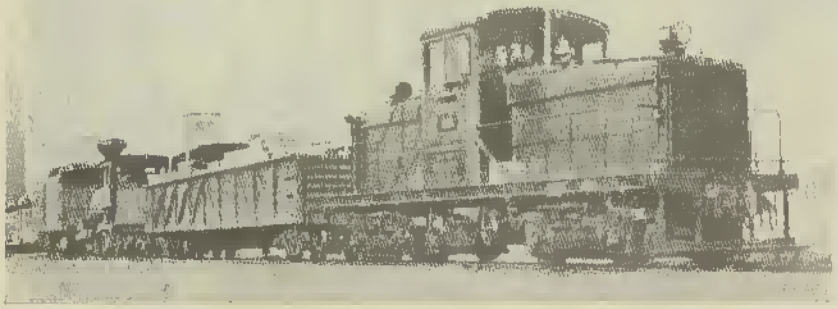
SINTRA

Um curioso e movimentado aspecto do Palácio da Pêna

Foto. do Eng.º Corrêa Mendes.

Edifício da estação de caminhos de ferro da «Great Victoria Street» (Belfast-Irlanda). Tem um movimento anual de cerca de 2.500.000 passageiros e de 550.000 toneladas de mercadorias.

A estranha fachada de uma estação. A estação de Chiswick Park, na Inglaterra.



Locomotiva diesel-eléctrica para serviço de manobras, utilizada, com pleno êxito, na América do Norte. A sua robustez, economia e capacidade de tracção fazem com que seja preferida, no serviço a que está afecta, às locomotivas a vapor.

Um combóio a vapor aerodinâmico, pertencente à Companhia dos Caminhos de Ferro P. L. M.

Pessoal

Actos dignos de louvor

No dia 21 de Novembro, quando na estação da Figueira da Foz os empregados do Sr. Fernando Mendes procediam ao embarque de um cavalo de grande valor, êste, assustando-se, caíu entre o cais e o vagão, ficando de tal modo entalado que poucas possibilidades havia de salvação.

No entanto, no meio de natural confusão provocada pelo acidente, apareceu o factor de 2.ª classe, Sr. Augusto Baptista Ferreira, que, com o maior sangue frio tomou a iniciativa do salvamento do animal, que conseguiu, graças às inteligentes diligências empregadas.

O Sr. Fernando Mendes apressou-se a escrever uma carta à Direcção da Companhia noticiando o ocorrido e felicitando o Sr. Baptista Ferreira por lhe ter, desinteressadamente, prestado um bom serviço.

O Chefe do distrito 284, Sr. Joaquim João, estando de licença transitava no dia 24 de Janeiro último a pé pela linha quando, entre os quilómetros 291 e 292–Sul, notou sôbre os carris uma pedra de grandes dimensões desabada da trincheira.

Como fôsse de noite e o combóio 2412 se aproximasse, correu aquele agente ao seu encontro e com o fim de evitar um desastre, procurou por tôdas as formas chamar a atenção do maquinista, quer gritando, quer acendendo fósforos.

Da sua rápida intervenção resultou a paragem do combóio que retomou a sua marcha normal depois do seu pessoal auxiliado pelo Sr. Joaquim João, ter retirado a pedra.

A guarda auxiliar do distrito 290, Maria da Conceição Rodrigues, que presta serviço na passagem de nível ao quilómetro 142,37–Sado, notou no dia 27 de Janeiro que a violência do temporal fizera desabar um eucalipto para a linha. Sem hesitar correu ao encontro do combóio 5157 que se aproximava obrigando-o a parar. Evitou assim um desastre.

O *Boletim da C. P.* regista com prazer as acertadas e rápidas providências dêstes agentes.

Quando no dia 13 de Fevereiro o *groom* Fernando Bugalho, procedia à limpeza de um cor-

redor, no edifício de Santa Apolónia, encontrou uma pulseira de ouro que imediatamente a foi entregar ao Chefe do pessoal menor.

E' digno de elogio o acto de honestidade praticado por êste agente.

Agradecimentos

Pedem-nos a publicação dos seguintes agradecimentos:

José Frederico dos Santos Aguiar, chefe de secção dos Serviços Gerais da Exploração, agradece, extremamente reconhecido, por intermédio do *Boletim da C. P.*, a tôdas as pessoas que, directa ou indirectamente, tiveram a gentileza de se interessar pela marcha da doença que vitimou tão cruelmente no dia 30 de Dezembro p.º passado, seu querido e saúdoso filho Carlos Aguiar, às que se dignaram manifestar-lhe o seu pezar por tão rude golpe e ainda às que acompanharam seu inditoso filho à sua derradeira morada, rogando o favor de relevarem qualquer omissão de agradecimento que, possivelmente, se tenha dado, o que só deve atribuir-se à falta de moradas ou assinaturas ilegíveis.

Deseja, também, e muito especialmente, tributar o seu eterno reconhecimento ao Ex.mo Sr. Dr. Carlos Lopes, Dig.mo Chefe do Serviço de Saúde e de Higiene da C. P., pela maneira assaz atenciosa como S. Ex.ª o atendeu, num transe de tão grande aflição e, humanitária e caritativamente, resolveu um caso que, como último recurso, poderia ter contribuído para que se salvasse a vida do seu falecido filho.

Joaquim Augusto de Carvalho, Capataz geral em Lisboa-P, vem por esta forma agradecer muito penhorado a alguns dos seus superiores, camaradas e seus subordinados, que se interessaram pelo seu estado de saúde durante o tempo que esteve tão gravemente doente, que só devido à dedicação e grande proficiência do seu médico, Ex.mo Sr. Dr. Vanzeller Pessoa, se salvou de uma morte certa.

Exames

VIA E OBRAS

Dos Encarregados de carpinteiros e pedreiros submetidos a exame para Encarregados de obras, nos meses de Dezembro e Janeiro p. p., ficaram aprovados os seguintes agentes:

Manuel Gaspar, Álvaro Duarte Maia, José Marques, Silvério Jorge, César Vilela Rodrigues, Ângelo Faria Rodrigues, Armando Miranda, José Patuleia, José da Silva Ramalho, José Casaleiro e Joaquim Pires.

Revista metódica

Por se terem distinguido no serviço da *Revista metódica*, durante o ano de 1936, fôram premiados pecuniàriamente os seguintes agentes:

António Lopes, (dist.º 2) — Joaquim Ferreira, (dist.º 90) — Manuel Luís Lopes, (dist.º 4) — Joaquim dos Santos Rôxo, (chefe da 1.ª Brigada Motorisada) — Filipe Duarte, (dist.º 20) — José da Costa, (dist.º 54) — João Brás, (dist.º 67) — Delfim Marques Couto, (dist.º 72) — José Pereira da Costa, (dist.º 96) — António Gonçalves, (dist.º 102) — José Monteiro, (dist.º 122) — João Ferreira Coelho, (dist.º 126) — Elias Bento, (dist.º 29) — Joaquim Henriques, (dist.º 30 e, presentemente, no dist.º 46) — Moisés Oliveira Calado, (dist.º 79) — Vitorino Fernandes, (dist.º 400) — Abílio A. Cecílio, (dist.º 407) — Ateciano Rodrigues, (dist.º 414) — Urbano de Aguiar, (dist.º 424) — Domingos F. da Costa, (dist.º 432 e, presentemente, no dist.º 423) — Manuel Balseiro, (dist.º 307) — João Martins Baltazar, (dist.º 280 e, presentemente, no dist.º 266) — António J. Martinho, (dist.º 213) — José Mira Geraldo, (dist.º 255) João António Pinto, (dist.º 260) — António Tomé, (sub-chefe dist.º 265) — Manuel Reforço, (dist.º 218) — José Vera, (dist.º 224 e, presentemente, no dist.º 296) — Joaquim António Frade, (dist.º 228) — Constantino Cardoso, (dist.º 231) — José António Cuco, (dist.º 238) — Manuel Joaquim, (dist.º 241).

Promoções

Mês de Janeiro

DIRECÇÃO GERAL

Secretaria

Empregados principais: José da Silva Quaresma e Francisco José A. Assis.

Empregados de 1.ª classe: Manuel Pombo Cardoso, Alfredo Ferreira Roque, Manuel Vargas Pinto e Luís António Andrade Gil.

Empregada principal: Raquel da Conceição Cardoso.

EXPLORAÇÃO

Sub-chefes de serviço: os engenheiros Custódio Azevedo Nazaré de Sousa e Manuel Alves Bastos Botelho da Costa e o comercialista João Faria Lapa.

Chefe de circunscrição: Joaquim Mendes Felix.

Chefe de repartição principal: Felix Fernandes Perneco.

Inspector principal: Aparício Nunes Frutuoso.

Inspectores principais de contabilidade: Salvador Martins Morgado e Gregório Marcelino da Silva.

Chefe de repartição: José António Pereira de Matos.

Inspectores de contabilidade: Eduardo Severino de Oliveira e Horácio Ferreira de Sousa.

Sub-chefes de repartição: Manuel das Neves Júnior e Amadeu de Barros.

Sub-inspectores de contabilidade: Armando Verão e Amadeu Augusto da Silva.

Sub-chefes de escritório: Benjamim Ferraz de Melo e José Damásio.

Chefes de secção: José Augusto Lopes, Júlio Freitas de Oliveira, José Correia da Fonseca, João Pereira Nunes, Afonso Carvalho Guimarãis, Manuel Joaquim de Sousa, António Picciochi Garcia, José Campos Bravo e José Rodrigues Coelho.

Empregados principais: António Martins Arez, Manuel Alves Alfacinha, José Sanches Garcia, António Osório Pena, António Borges de Brito, Francisco Rodrigues Junqueiro, Manuel Maurício Costa Júnior, Francisco António Delrisco, Carlos Jorge Ferreira, Leonel Pereira Vaz, Alberto Pinto Bousa, João Vasques Rússel, João Marcelino Assunção, António Freire Neno, Hilário Barreiros, Francisco Coelho e José Francisco da Silva.

Empregados de 1.ª classe: Alfredo Francisco Tavares, Carlos Lopes Ventura, Alfredo Santos Diogo, Mário Gonçalves Fino, António José Bivar Xavier, José António Bivar Xavier, Urbano da Cruz Baptista Diniz, António Almeida Gil, Jaime Augusto da Silva, Renato Homero Ferreira, Crisanto Arsénio dos Santos, António Teixeira de Barros, Leonel Augusto Proença, Joaquim Ramos, José Ricardo Moreira, José Faustino Duarte, Joaquim António de Oliveira e Silva, Joaquim Simões Branco e Joaquim Pires.

Empregados de 2.ª classe: João Adelino Rosa Barbas, José Lourenço, Luís António Vasconcelos Marques, António Gonçalves de Oliveira, Joaquim Alves Cardoso, João Albuquerque, José Rodrigues da Silva, Alberto Pires Portugal, Evaristo Ferreira Antunes e Fernando Homem de Figueiredo.

Empregados de 3.ª classe: Herculano José Afonso e Joaquim França Ribeiro.

Desenhador de 2.ª classe: Amaro de Andrade.

Contramestre de 2.ª classe: Alberto Falcão.

Fabricante de bilhetes: José Maria de Oliveira.

Ajudante de fabricante de bilhetes: Alberto Figueiredo Baptista.

Distribuïdor de 2.ª classe: João dos Santos.

Arquivista de 1.ª classe: Joaquim Tavares.

Arquivistas de 3.ª classe: Fernando Luís Fernandes e José Dias.

Ajudantes de arquivista: Mateus Pedro Falcão e Manuel Cotrim Rodrigues.

Empregadas de 1.ª classe: Alice Fonseca Ribeiro, Hermínia Vale Domingues, Hermínia Pires Rússel, Ema do Espírito Santo Quilhó Pereira Leite, Conceição Prazeres Grilo e Branca Celeste Lopes Barata.

Empregadas de 2.ª classe: Alda Pais de Almeida, Virgínia de Oliveira e Silva, Maria Penha Soleiro, Mariana Santos Machado, Piedade do Carmo Romão, Emília Cardoso Vieira e Ana Maria Marques Perdigão.

Chefes principais: Armando Augusto Pacheco

Pereira, Martinho Mendes Dias, Joaquim Mendes Garcia e Raúl Lencastre de Miranda.

Chefes de 1.ª classe: António Francisco Bizarro Assunção, Raimundo Duarte Geral de Oliveira, Manuel Duarte Lizardo, António dos Santos Franco, Manuel de Melo, Artur de Castro Ferraz, Manuel Monteiro, Pedro António Morgado, Manuel Joaquim Grenha e José Justino Correia.

Chefes de 2.ª classe: Manuel Martins, Joaquim Daniel Lourenço Patacas, Manuel Branco Picado, Ilídio Carvalho da Cruz, Joaquim de Oliveira Jacob, Artur Nozes de Almeida, Bernardino Coutinho Oliveira Fonseca, Manuel Rodrigues de Almeida, João Carlos de Oliveira, Manuel Rodrigues Barreiros Viana e Amadeu Ferreira Figueiredo Leitão.

Chefes de 3.ª classe: Pompílio Duarte Lizardo, Manuel Duarte da Silva, António de Sousa, José de Jesus Marques, Eloy Trindade da Silva, António de Almeida Pinto, José de Oliveira, José da Cunha Pinto, Severino Tavares Correia, João do Vale, Alfredo de Oliveira, José Leopoldino dos Santos, José Coelho, Floriano Augusto Correia, António João Marques e Ludgero Duque Carraça.

Factores de 1.ª classe: José Mesquita, Albano Henriques Cunha, Miguel Aires da Costa, João Rodrigues Lopes, António Rodrigues Geitoeira, Mário Amaral da Silva, José Freire de Vasconcelos, Carlos Salvador Filipe, Henrique Rodrigues Machado, Joaquim Correia Pinto, Vítor da Conceição Lavadinho, Joaquim Louro, Francisco Coelho de Castro e Sebastião António Carmo Montes Gomes.

Factores de 2.ª classe: Afonso Faria Rodrigues, João Nunes de Abreu, António Nunes de Oliveira, João da Silva Antunes, Augusto Esteves Carrilho, António de Oliveira, Jacinto Ferrer Pinto Parra, António Fernandes, António Almeida dos Santos Guimarãis, Carlos da Glória, Joaquim Fonseca Boavida, Joaquim da Silva, José António Martins e Joaquim Ferreira Almocim.

Telegrafistas principais: Augusto de Oliveira, Olindo da Silva e José Alves Aldeia.

Escriturário principal: Eduardo Nunes.

Fiel de 1.ª classe: Manuel Nunes Cabarrão.

Condutores de 2.ª classe: Alvaro Mendes Esponsa, Manuel Fernandes e Marçal da Silva Arrojado.

Guarda-freios de 1.ª classe: António Esteves Carvalho, João Duarte Amaro Esteves, António Maria Franca, António Maria Rodrigues Pascoal e António Joaquim Eusébio.

Guarda-freios de 2.ª classe: Arménio Ferreira Manano, Francisco Alcobia, Felix da Costa, António Roque, José António Miguel, António Duarte, Fernando José Soares, Manuel Gonçalves, Alfredo Coelho e Miguel António Vasconcelos.

Revisores principais: António Lourenço e Ernesto Martins de Lima.

Revisor de 1.ª classe: Joaquim Miranda e Adriano José de Sousa Campos.

Revisor de 2.ª classe: Francisco José da Rosa.

Capataz de 1.ª classe: José Maria Gonçalves.

Capataz de 2.ª classe: Luiz Martins.

Agulheiro principal: António Jacinto.

Agulheiro de 2.ª classe: Manuel António Fanico.

Agulheiros de 3.ª classe: Cristóvam dos Santos, Alvaro Marques, Manuel Lopes Capitão, João Pereira, Joaquim de S. Pedro Canaria, Manuel Henriques, João Pina, Benjamim Marques, João Faria de Almeida, José Costa Martinho, António Diogo, Jacinto da Conceição Belchior, Roberto da Silva, Francisco António Fialho e José Duarte.

Conferentes: Basílio Henriques Bugalho, Augusto Ribeiro e António Augusto Costa.

MATERIAL E TRACÇÃO

Sub-chefe de serviço: o engenheiro Lourenço Vaz de Almada.

Inspector: Manuel António Ferreira.

Agente técnico: Fernando Eduardo Amaral.

Sub-agente técnico: Armando Marques Costa.

Chefe de repartição principal: Gabriel Vítor Berard.

Sub-chefes de repartição: Adelino Augusto Garrido, Artur Rodrigues Antunes Maia e José Arnaldo Magalhãis de Oliveira.

Chefe de escritório de 1.ª classe: Américo Luiz de Paiva.

Sub-chefes de escritório: Francisco Lopes das Neves e Alfredo dos Santos.

Chefes de secção: Carlos dos Santos Ferreira, Fernando Soeiro Sarmento, António da Silva Carvalho, Delfim de Lemos, José Parreira Alves, Mário de Sousa Santos e António Gaspar Nunes.

Empregados principais: Artur Mendes Alves, António Luís Cabrera, Carlos Manuel Ferreira Gomes, José Maria Ribeiro, Francisco Rodrigues Ralha, Arnaldo Gonçalves Amaral, António Pinto da Costa Assis, Etelvino Belo de Almeida, João Casimiro Paulos, João Vaz Atalaia e António Maria da Costa.

Empregados de 1.ª classe: Francisco da Silva Pereira, Manuel Praxedes Vidal, Carlos Colares, Américo Ferreira da Costa, João Edmundo Rodrigues Oliveira Serrano, Manuel Gonçalves Rodrigues Júnior, Alfredo Dias Moreira, José António Pereira Azenha, António Correia dos Santos e Carlos Alberto Viana.

Empregados de 2.ª classe: Pedro Martins, Francisco Manuel Gonçalves e António Gonçalves da Conceição.

Empregados de 3.ª classe: Ernesto Francisco Albino da Silva José Henrique Barbosa Martins, José Lopes dos Santos Aurélio e Dionísio Augusto Pires.

Escriturários de 1.ª classe: Carlos José Ferreira Mendes e José Joaquim Carrajolas.

Escriturários de 2.ª classe: Carlos Augusto Ferreira, João Albino Júnior, Vasco Duarte Vaz, Celestino Santos Amaro Júnior, Frederico Luiz Forte, Manuel José da Silva Manana, Vítor Rodrigues Maia, Manuel Ferreira Purgatório Júnior, António Godinho Ferreira, Vitorino de Oliveira Jorge, Manuel Guerreiro 2.º, Asdrúbal da Silva Santos, Alexandre Gomes, António Augusto dos Santos, Mateus Dias, José Antunes e Joaquim Augusto Monteiro C. Pinho.

Empregada principal: Flora Leite.

Ajudante de arquivista: Artur da Conceição Teixeira.

Contramestres principais: António Gonçalves e Joaquim Ferreira Póvoas.

Contramestre de 1.ª classe: Artur Leitão.

Contramestre de 2.ª classe: Luiz Ferreira Póvoas.

Fiel de 1.ª classe: Francisco Tavares Jubling Júnior.

Distribuïdor de 1.ª classe: José de Melo Cotafo.

Distribuïdores de 2.ª classe: Antero Joaquim Pais e José Maria Alves.

Maquinistas de 1.ª classe: João Rodrigues, José Contente Vitório, João Lopes Bento, José Antunes Coimbra, José Rebocho, António Gomes de Oliveira e Adelino Pereira Salgueiro.

Maquinistas de 2.ª classe: Francisco Marques, Albino Ferreira, Acácio Eduardo Rodrigues, Francisco da Costa Neves, João Fernandes, Inácio da Silva, Germano Azevedo Galvão, Humberto Félix dos Santos, José Vieira Pinto, António Luiz Simplício, Agostinho Duarte, Custódio dos Santos, Manuel António Máximo e Jacinto dos Santos Rendas.

Maquinistas de 3.ª classe: José dos Santos, Luiz Martins Maia, Emílio Lara, José Lopes de Almeida Júnior, José dos Santos Fontes Júnior, Joaquim Cardoso, Cristóvam José Rita, Carlos Rodrigues Valada, João da Graça, Frederico Feliciano, Alberto Rodrigues, Manuel Gonçalves Monteiro, Joaquim de Matos, Carlos Viegas, Manuel Joaquim Maia Júnior, José Dias, Manuel Alberto, Aires Simões, Fortunato Correia de Figueiredo, Luiz de Moura, Francisco Félix dos Santos, José Marta, Alberto de Matos, Cipriano Sanches Capinha, Cipriano dos Santos, Joaquim Rodrigues Costa, João Pires, António Lemos Tarrafa, João Dias Martins, José dos Santos Sousa, Alvaro dos Reis Pedroso, Rafael Belchior Loução, Joaquim Albino, José Francisco da Silva, António Rosa, José Vieira, Manuel Maria Vasques, António Nunes Rodrigues, Marcelino da Silva, João António Madeira, José Machado Cabrita, João Castanheira de Moura, António da Saúde Furtado, António Pereira Salgueiro, António Maria Sanches, Bernardino Marinho, Joaquim de Sousa, David José Dórdio, José de Carvalho, Martinho Jacinto Pires, Manuel dos Santos Barroso, Francisco da Cruz Barroso, João Augusto Marques, Serafim Marques, Agostinho Ferreira Guedes, Armindo de Araújo Vasconcelos, António Pinheiro e Manuel Vicente.

Fogueiros de 1.ª classe: António da Graça, Américo Fernandes, António Gonçalves Ferreira, Juvenal Alves de Faria, Alberto dos Santos Faria, António Barbosa Cardoso, António

Rosa, Joaquim Lopes Claro, Albino Máximo, Francisco Luís Estrêla Júnior, José Augusto Chasqueira, Júlio Vieira Dias, José Maria Vitorino, Sérgio Fontes, Francisco Maurício Monraia, Crisanto Henrique de Jesus, Armindo da Silva Nunes, Artur Pinto, Carlos Joaquim Maia, Agostinho José Duarte Madaleno, Heitor de Oliveira Chaves Almeida, José Moreira Bastos, Amadeu Alves, Manuel Luís Vicente, Manuel Maria de Oliveira Júnior, Alberto Mendes de Almeida, Artur Silva, Francisco da Silva Lino, Manuel António Sapateiro Júnior, Eduardo Fernando de Sousa, José de Jesus Serrano, Francisco da Conceição, Jacinto José Cangalhas, José Caldeirinha, Joaquim Mendes Bronze, Alexandre Pereira, Manuel Martins das Neves, José Vicente Vidigal, José de Magalhãis, José Cabrita, Candido José da Rosa Júnior, Mário Sequeira, Custódio Soares, Eduardo de Sousa, José Augusto Rocha, Manuel Cláudio de Sousa, Leopoldo Elias Soares, Francisco Calado, Francisco Duarte, Casimiro Domingos Costa, Américo Simões, Manuel João Machado, João Pedro José de Brito, José Ferreira de Araújo, Jaime Correia, António Ferreira, Abel Machado Júnior, José Monteiro, João Luís Martins e Manuel Artur Branco.

Mestre de rebocadores: João da Silva Labaredas.

Arrais: José da Purificação e José Anacleto.

Marinheiros de 1.ª classe: Alvaro José e João Lopes Raposo.

Capataz: José Maria Pereira.

Guarda: Joaquim Martins.

Empregada de 2.ª classe: Etelvina Laura C. Sá Chaves.

Distribuïdores de material de 2.ª classe: António Nunes Alves e Pompeu Coelho.

Continuos de 1.ª classe: Carlos Duarte Ferreira, Manuel Firmino Tavares, António Piçarra, Luiz Ramos de Almeida, Joaquim Pereira Farinha, Estêvão Cardoso e José Teodoro.

VIA E OBRAS

Sub-chefes de serviço: os engenheiros Francisco José Rodrigues Serrão, Francisco Macedo Gavicho e Alvaro de Melo Gouveia.

Contramestre principal: José Caridade.

Contramestre de 2.ª classe: Armando António Rico.

Chefe de escritório de 3.ª classe: José Gomes da Silva Durãis.

Empregados principais: António José Martins Gonçalves, João Marcelino Teixeira, Júlio da Fonseca e Sá, Vasco Faria Blanc, José Manuel da Cunha, Alberto da Silva Viana, Pedro Alberto Costa, Mário Guimarãis Osório e Francisco Lampreia Júnior.

Empregados de 1.ª classe: José Sá Chaves, Rui Humberto Dias, João Rodrigues Dias, José Manuel Lopes, Francisco Manuel da Franca Isidoro Ribeiro, Manuel Joaquim Mota, António dos Santos Malta, Virgílio Ventura Pinheiro, Manuel Abreu Moreira, Camilo Paixão Bastos, Luiz Bessone Bastos, Eduardo Adelino Fernandes, Jorge Alberto Ferreira, José Alexandre Lima Duarte, Florentino José Duarte, Maria da Silva Veiga, Augusto José Lopes dos Reis, Raimundo Gomes Júnior e António Jacob Franco.

Empregados de 2.ª classe: Raúl da Silva Ferreira, Homero Correia de Almeida e Vítor Dias de Carvalho.

Empregados de 3.ª classe: Faustino António Duarte, António Gomes Júnior, Júlio Serra Ribeiro, Américo Claudino Canavilhas e Francisco Duarte Grilo.

Escriturário de 2.ª classe: João Eduardo Amorim.

Ajudantes de secção: António Mendonça e João de Oliveira.

Chefe de lanço de 2.ª classe: Francisco Claro e Artur Pereira.

Sub-chefes de distrito: José de Oliveira, José de Oliveira Rosa e José Maria Martins Vaz.

Nomeações

Mês de Janeiro

EXPLORAÇÃO

Factores de 3.ª classe: Manuel da Rosa Bonito, Venceslau das Dores, António Alberto Pinto de Almeida, Manuel Gameiro, José dos Santos, João Gomes da Costa, Américo Brás Lopes, Júlio Pinheiro de Oliveira, Jerónimo Dias Leitão, José Maria Prado, Manuel de Al-

meida Martins, José Maria Pinto de Almeida, Agnelo Maria Gomes, José Parreira de Gois, Joaquim Canhão Caldeira Venâncio, Manuel Pacheco da Cunha, António Alberto Afonso de Sousa, João Ventura de Oliveira, Mário da Piedade Costa, José da Fonseca Esteves, Francisco João Semêdo, Albino Carmona, Joaquim Pires Valério Júnior, José Joaquim dos Santos, Leandro Martins, José dos Santos Lopes, Norberto dos Santos Robalo, Manuel das Dôres Lopes, Carlos Martins, João Graça da Silva, Manuel do Carmo Caldeira Figueira, Luís Vaz de Oliveira, Manuel Augusto Mendes Saleiro, Mário Ferrão Pais, Marcos Eduardo da Cruz, Francisco Rosa de Andrade, Joaquim Pires Duque, António Condesso, João Cardinho Serrano, Manuel Francisco Gouveia Júnior, António José Pereira e Américo de Sousa Pereira.

Fiel de 2.ª classe: Raúl dos Santos Ribeiro.

Guarda freios de 3.ª classe: Manuel Rodrigues da Silva, Amaro Ferreira dos Santos, José de Castro, David da Silva Barrau, Joaquim Carvalho Inezo, Manuel Rodrigues, Manuel António, Francisco Teodoro Póvoas, António Afonso Gasalho, José Marques Lourenço, Alvaro Lopes Quintas, Joaquim da Graça, Manuel Augusto, Cirilo Pereira Pais, Manuel Vicente Nunes Júnior, António José Veiga, José Gois, Miguel dos Anjos, Agostinho Dias e António Dias Costa.

Revisores de 3.ª classe: Vicente de Sousa Pimenta, António João Gaspar, António José Varela, Manuel Virgínio Mendonça, Celso da Fonseca Andrade, José Bernardino Marques, Augusto de Oliveira Jorge, Manuel Pedro, Mateus da Conceição Servo, José Augusto Falcão, José Gomes, Agostinho Alves, Joaquim Vicente, Pedro Francisco, Alfredo Prudêncio Soares e Teodoro da Costa Ratão.

Engatadores: José Rita e José Moreira.

Faroleiro: Domingos Ribeiro.

Carregadores: Manuel dos Santos, António da Costa, Manuel Carrasqueiro, António Lopes Miranda, João de Oliveira Amaro, José Augusto Fernandes de Oliveira, Manuel Duarte, Manuel Gonçalves Nunes, João Guilherme, Manuel António Pereira Azevedo, Joaquim Miranda, Custódio dos Santos, Manuel Cabelo Peralta, Manuel António Jaca Júnior, Manuel Luís, Manuel Duarte, Augusto da Ascenção Moreira, Afonso Silva Carvalho, João de Barros Mesquita, Joaquim Lima de Campos, António Dias Galvão, António Pereira Branco, Avelino Carvalho, João Evangelista Gonçalves Grilo, Albino José Marques, Manuel Gomes, João da Silva, José Paulico dos Ramos, José Moreno, José Gonçalves, António Luís Gômes, João Dias Costa, Manuel dos Reis Chorão, Joaquim Pedro, José Pedro, António Joaquim Moutinho, Herlander Principe Portugal da Silveira, António Pereira Pinhão, Francisco Pires Andrejo e Joaquim dos Santos.

Servente: Amadeu Antunes Castro.

MATERIAL E TRACÇÃO

Fogueiros de 2.ª classe: António Agostinho Pereira, Manuel Francisco da Silva, Estevão de Almeida, António Ferreira, Silvério da Cruz Sêco, José Nunes Clemente, Marcos Rodrigues, João de Matos Cebôla, Ricardo Marques, Aurélio de Freitas, Manuel Dias, Augusto Pimenta de Oliveira, Eugénio Eusébio, Alberto Romãozinho, José Lopes Malho, Armando Luís Timóteo, Luís Pedro Rodrigues, António Pedro Batista, António Vaz Ferreira, Manuel Ferro, Leonel Maia, Joaquim de Carvalho, José Lopes Bento, Horácio Rodrigues Sacramento, Francisco Simões, António Duarte Rosa, António Figueiredo, Raúl da Costa, Adolfo José Tregeira, José Carlos Júnior, António Godinho Branco, Cristiano da Fonseca Júnior, João dos Passos Niza Júnior, João Amaro Ferreira, Joaquim Rodrigues, José Patrício Júnior, Bernardino Gonçalves Justo Leão, José da Costa Martins, Ivo Parreira Góes, Francisco Vieira Machado, José do Carmo Custódio, José Quadrato Vidal, Francisco Simões, Alfredo Joaquim José, Vitor Augusto, Júlio António Martins, José Francisco Tigre, Joaquim Ferreira Cardoso, Alcino da Silva, Manuel Borges Gonçalves, Francisco Monteiro Campos, Mário Costa, Manuel Augusto Teixeira, Jesualdo José Quadrado, Cesar Carneiro Bessa, Avelino de Almeida Cruz, Joaquim Vítor Pessos, José Tavares Gonçalves e José Monteiro.

Fogueiros de 2.ª classe: Joaquim da Conceição Soares, José Gômes, Francisco Duarte e Alfredo Rodrigues.

VIA E OBRAS

Sub-chefe de Secção do Serviço de Conservação da Via: Armando Augusto Lopes.

Guarda fios de 2.ª classe da Inspecção e Oficinas de Instalações Eléctricas: Luís Amoroso.

Reformas

Meses de Dezembro de 1936 e Janeiro de 1937

EXPLORAÇÃO

Luiz Vicente de Oliveira, Chefe de 1.ª classe de Espinho.

José Urbano, Carregador de Vale de Prazeres.

José Rodrigues Breda, Carregador de Mealhada.

Filipe Alexandre Travassos Neves, Chefe de Repartição do Serviço do Movimento.

António Júlio de Abreu, Empregado principal do Serviço de Fiscalização e Estatística.

Armando Monteiro da Silva, empregado de 2.ª classe da 2.ª Circunscrição.

Carlos Simões de Oliveira, Chefe de 2.ª classe de Dois Portos.

José Augusto dos Reis, Chefe de 3.ª classe de Castelo de Vide.

António Júlio de Carvalho, Guarda-freio de 1.ª classe de Campanhã.

Manuel Ferreira da Silva, Capataz de 2.ª classe de Leiria.

Manuel Francisco Rosa, Agulheiro de 2.ª classe de Palmela.

Alberto Gonçalves, Engatador de Régua.

Hipólito de Oliveira, Carregador de Campanhã.

Agostinho Duarte, Carregador de Alvega.

Manuel Alves, Carregador de Covilhã.

MATERIAL E TRACÇÃO

Manuel Soeiro, Chefe de Revisão.

Cláudio Rodrigues Garcias, Maquinista de 2.ª classe.

Francisco Pereira do Carmo, Maquinista de 3.ª classe.

José Francisco Pinheiro, Limpador.

Manuel Felizardo, Limpador.

António Ribeiro, Limpador.

VIA E OBRAS

Manuel Ferreira da Silva, Contra-mestre de 2.ª classe das Obras Metálicas.

Cândido da Costa Mortágua, Operário de 2.ª classe das Obras Metálicas.

José de Oliveira, Chefe de distrito.

João de Oliveira, Chefe de distrito.

José Benquerença, Sub-chefe de distrito.

Avelino António Maurício, Sub-chefe de distrito.

António Augusto, Assentador de distrito.

Joaquim Fernandes, Assentador de distrito.

Maria Inancia, Guarda de distrito.

Maria Morgado, Guarda de distrito.

Mudanças de categoria

EXPLORAÇÃO

Para:

Empregados de 1.ª classe: os Bilheteiros de 1.ª classe, José Joaquim Vaz Nascimento Bandeira e Carlos de Sousa.

Empregados de 3.ª classe: os Factores de 2.ª classe, António Alves da Silva, Mário Pardal dos Santos, José Ramos Antunes, António Pacheco da Cunha, Manuel Lourenço, José Lourenço de Carvalho, Manuel da Silva Júnior e António Matoso.

Escriturário de 1.ª classe: o Fabricante de bilhetes, Domingos Barreto.

Escriturário de 2.ª classe: o Ajudante de fabricante de bilhetes, Claudino dos Santos Ribeiro.

Escriturário de 3.ª classe: o Ajudante de fabricante de bilhetes, Manuel Afonso Soares Alves Oliveira.

Guardas de estação: os Agulheiros de 3.ª classe, Marcelino da Cruz e Alfredo Pereira.

Servente: o Carregador, António de Albuquerque.

MATERIAL E TRACÇÃO

Para:

Fogueiro de locomóvel: o Fogueiro de 2.ª classe, Manuel Ribeiro Freire.

Falecimentos

Mês de Janeiro

DIRECÇÃO GERAL

Secretaria

† *Joaquim Bernardino*, Servente dos Escritórios Centrais. Admitido como Guarda-freio de 3.ª classe em 31 de Outubro de 1920, passou a Servente dos Escritórios Centrais em 9 de Novembro de 1926.

EXPLORAÇÃO

† *Ramiro dos Santos Couto*, Telegrafista principal de Entroncamento.

Admitido como Praticante em 1 de Julho de 1899, foi nomeado Telegrafista de 3.ª classe em 1 de Janeiro de 1900 e promovido a Telegrafista principal em 1 de Julho de 1921.

† *Alberto Peretra Rebelo*, Fiel de 2.ª classe de Campanhã.

Admitido como Carregador auxiliar em 6 de Dezembro de 1907, foi nomeado Carregador efectivo em 30 de Junho de 1911 e promovido a Fiel de 2.ª classe em 12 de Setembro de 1913.

† *Manuel Girão Meco*, Guarda de Coimbra-B.

Admitido como Carregador suplementar em 24 de Novembro de 1925, foi nomeado Carregador efectivo em 21 de Abril de 1929, passado a Servente em 21 de Julho de 1931 e nomeado Guarda de estação em 21 de Janeiro de 1935.

† *Manuel da Costa*, Guarda de Coimbra-B.

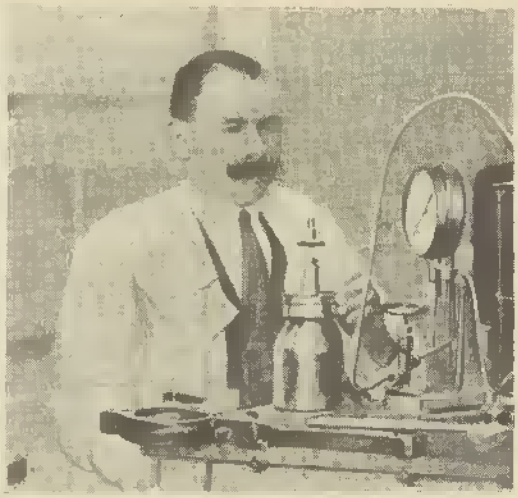
Nomeado Carregador em 21 de Abril de 1919, passou a Guarda de estação em 21 de Dezembro de 1920.

MATERIAL E TRACÇÃO

† *Luiz Léon Joseph Schepens*, Analista Principal.

E' com profunda mágua que registamos o falecimento do Analista principal, Luiz Schepens.

Dotado de extraordinárias qualidades de inteligencia e de trabalho, Luiz Schepens entrou para a Companhia em 1889 como simples ajustador. Mais tarde, em 1898, mercê da sua habilidade para o desenho, foi nomeado desenhador de 3.ª classe. Luiz Schepens dedicava-se então ao estudo das ciências da natureza principalmente da química. A Companhia aproveitou a sua excepcional aptidão para o encarregar das análises químicas dos carvões. Reconhecido pela prova de confiança que lhe deram, Luiz Schepens dedicou-se completamente a melhorar o laboratório da Companhia, cujo desenvolvimento, a partir de então, passou a ser o reflexo dos seus estudos, como o *Boletim da C. P.* já teve ocasião de dizer, no seu número do Natal de 1932.



† Luiz Léon Schepens

Luiz Schepens, curioso e estudioso, interessava-se por tôdas as manifestações científicas. Lia livros de astronomia, de física, de botânica, de zoologia, etc. Dedicou-se, também, à fotografia, sendo da sua autoria alguns excelentes trabalhos.

Vivia com a maior modéstia, desprezando qualquer confôrto, mas não se importava de gastar avultada importância num livro de ciência, numa simples lente de afamado construtor ou nalgum cronómetro.

Mas o que queremos registar aqui, não é a vida cheia de vicissitudes desta estranha personalidade, mas a grande dedicação, o seu grande amor pela Companhia.

De uma probidade exemplar, Luiz Schepens votou tôda a sua vida ao serviço da Compa-

nhia, servindo-a durante cêrca de cincoenta anos com a maior solicitude e a maior dedicação. Ainda nas vésperas do seu falecimento, quando mal podia andar, cheio de dores, arrastando-se com dificuldade, vinha ao seu laboratório. Foi necessário que um seu superior o intimasse categòricamente a dar parte de doente para Luiz Schepens recolher à cama.

A Companhia necessita da colaboração dedicada e leal de todos os seus servidores, mas não podia aceitar os inúteis sacrifícios que Luiz Schepens estava fazendo, na cegueira em querer cumprir as suas obrigações até à extinção da vida.

Dentro de algum tempo é provável que a sua figura se evole da memória de muitos que o conheceram. Mas aqueles que conviveram com êle mais de perto, que tiveram ocasião de apreciar o seu inteligente espírito, os seus belos dotes de trabalhador, a sua lealdade de proceder e a sua grande dedicação pela Companhia, êsses nunca o esquecerão, sentindo sempre a amargura do seu desaparecimento porque Luiz Schepens era, também, um desinteressado e prestimoso amigo.

† *Joaquim Lourido Lopes*, Fogueiro de locomóvel.

Admitido em 18 de Fevereiro de 1919, como Limpador de máquinas suplementar, e promovido a Fogueiro de locomóvel em 1 de Junho de 1920.

VIA E OBRAS

† *Alfredo de Almeida Araújo*, Sub-chefe de secção do Serviço de Conservação.

Admitido como Condutor de trabalhos, adventício, do Serviço de Construção, em 28 de Outubro de 1925.

† *Manuel Rosa*, Sub-chefe do distrito n.º 8.

Admitido como assentador em 21 de Maio de 1912.

† *Joaquim Ferreira Pinto*, Pedreiro da 8.ª Secção do Serviço de Conservação da Via.

Admitido como Aprendiz auxiliar de pedreiro em 16 de Março de 1915.

† *Joaquim da Silva Araújo*, Servente de escritório do Armazém Central de Ermezinde.

Admitido como servente da Oficina de Creosotagem em 16 de Fevereiro de 1919.

† *José Batista*, Assentador do distrito n.º 10.

Admitido como assentador em 1 de Janeiro de 1936.

† Alfredo de Almeida Araújo
Sub-Chefe de Secção do Serviço de Conservação

† Ramiro dos Santos Couto
Telegrafista Principal

† Alberto Pereira Rebêlo
Fiel de 2.ª classe

† Manuel Girão Méco
Guarda de estação

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Chamava-se Manuela
Aquela mulher tão bela
Que m'encantou!
O gracil *acanhamento* — 1
Do seu gesto, num momento
Me conquistou!

Seu olhar azul, sereno,
Era como um ceu ameno
Do mês d'Abril!
A dição tão delicada!...
A tez rósea, perfumada!...
Encantos mil!...

«*Homem*» que a visse, ficava — 2
Demente e, logo adorava
Tal maravilha!
Gemeu de louca paixão
Meu juvenil coração...
Era uma pilha!

Não ha bom, senão em parte...
Por isso busquei com arte
Silenciosa,
Encontrar-lhe algum defeito:
Tinha um *fraco*, com efeito...
Era gulosa!

Mito

5 — Façam *justiça*! Castiguem quem não tem *razão!*-3.

Roldão

6 — O «*lírio do Japão*» é a flor predilecta desta «*mulher*» — 2.

Labina

7 — *Qualquer fluido contido num copo organizado*, pode provocar-nos boa ou má *disposição do espírito* — 2.

Theseu

8 — *Aquêle que tem cara de jôgo* chama-se *tabulajeiro* — 4.

Preste João

Sincopadas

(Ao confrade Plinio)

9 — 3-Faça o *desconto!* não se *cinja* a grandes lucros — 2.

Roldão

10 — 3-Sôbre um *monticulo, disfarço* a armadilha — 2.

Mefistófeles

11 — 3-Era *avaro* o *frade leigo* — 2.

Visconde de la Mortière

12 — 3-*O penteado das senhoras* antigas, causaria hoje *motejo* — 2.

Britabrantes

13 — 3-Fez-se em *brasa* a *pêna* do pavão — 2.

Athos

Tabela de preços dos Armazéns de Víveres, durante o mês de Março de 1937

Géneros	Preços	Géneros	Preços	Géneros	Preços
Arroz Nacional.. kg. 2$60 e	2$70	Cebolas..... kg.	variável	Presunto..... kg.	11$00
» Valenciano.. ... kg.	2$90	Chouriço de carne ..... »	14$00	Petróleo-Em Lisboa... lit.	1$30
Açúcar de 1.ª Hornung »	4$35	Far.ª de milho branco.. kg.	1$20	» —rest. Armazens »	1$35
» » 1.ª manual. »	4$15	» » » amarelo. »	1$20	Queijo da Serra.. .... kg.	11$50
» » 2.ª Hornung »	4$15	» » trigo..... kg.	2$15	Queijo flamengo..... kg.	22$00
» » 2.ª manual. »	3$90	Farinheiras..... »	7$00	Sabão amêndoa .. .... »	$95
» pilé..... »	4$25	Feijão amarelo.. ..... lit.	1$60	» Offenbach..... »	2$40
Azeite de 1.ª... ..... lit.	8$50	» branco..... »	1$60	Sal..... lit.	$20
» » 2.ª..... »	8$20	» frade..... 1$20 e	1$50	Sêmea..... kg.	$75
Bacalhau inglês 4$10, 4$70, 5$15 e	5$70	» manteiga..... lit.	1$80	Toucinho .. .. »	6$30
» Islândia .. .. kg.	4$20	Lenha..... kg.	$20	Vinagre ..... lit.	1$15
» Português.... »	4$60	» de carvalho..... »	$25	Vinho branco-Em Campanhã. lit.	1$70
» Sueco ..... »	4$60	Manteiga ..... »	17$00	» » —Rest. Armazens »	1$65
Banha..... »	7$30	Massas ..... »	3$40	» tinto-Em Gaia..... »	1$70
Batatas..... »	variável	Milho ..... lit.	$85	» » —Em Campanhã... »	1$70
Carvão sôbre kg $50, $55 e	$60	Ovos ..... dúz.	variável	» » —Restaut. Armazens »	1$65

Estes preços estão sujeitos a alterações, para mais ou para menos, conforme as oscilações do mercado.

Os preços de arroz, azeite, carnes, farinha de trigo, feijão, petróleo, vinagre e vinho no Armazem do Barreiro são acrescidos do impôsto camarário.

Além dos géneros acima citados, os Armazens de Víveres têm à venda tudo o que costuma haver nos estabelecimentos congéneres e mais, tecidos de algodão, atoalhados, malhas, fazendas para fatos, calçado e louça de ferro esmaltado, tudo por preços inferiores aos do mercado.

O **Boletim da C. P.** tem normalmente 20 páginas, seguindo a numeração de Janeiro a Dezembro. Os 12 números formam um volume com índice próprio. Os números dêste Boletim não se vendem avulsos.

Os agentes que queiram receber individualmente o Boletim, deverão contribuir com a importância anual de 12$00 a descontar mensalmente, receita que constituirá um **Fundo** destinado a prémios a conceder aos contribuintes, por meio de concursos, e ainda a melhoramentos no Boletim.

Os pedidos devem ser transmitidos por via hierárquica à Secretaria da Direcção **(Boletim da C. P.)**.